O CAMPEÃO DAS PROVINCIAS

REDACÇÃO — J. E. d'Almeida Vilhena, Dr. J. M. Barbosa de Magalhães, Marques Gomes, Francisco de Magalhães e Firmino de Vilhena

ANNO XXXVII

Assignaturas: SEM ESTAMPILHA: Anno, 4$000 réis; Semestre, 2$000 réis; Trimestre, 1$000 réis; Avulso, 40 réis. COM ESTAMPILHA: Anno, 4$500 réis; Semestre, 2$250 réis; Trimestre, 1$125 réis; Avulso, 45 réis.—Pagamento adeantado.

PUBLICA-SE AS QUARTAS E SABBADOS

QUARTA-FEIRA 23 DE JANEIRO DE 1889

Publicações: Correspondencias particulares, 40 réis por cada linha, no typo commum do jornal. Annuncios, 30 réis por linha; Repetições, 20 réis, accrescendo o imposto do sêllo.—Recebem-se annuncios annuaes, mediante contracto especial.

NUMERO 3:762

E' um dos nossos correspondentes em Pariz **Monsieur A. Lorette.**—Rua Caumartin, 61.

SUMMARIO:—A QUESTÃO DO DIA.—REPRESENTAÇÕES.—CARTA DO PORTO.—NOTICIARIO.—MARIANNO DE CARVALHO, *por Abel Accacio Botelho.*—CARTA DE LISBOA.—SESSÕES PARLAMENTARES.—SECÇÃO AGRICOLA: ESCOLHA E CONSERVAÇÃO DOS BACELLOS, *por R.*—SECÇÃO LITTERARIA: A NOIVA DO KINAST—PARTE OFFICIAL.—FOLHETIM, IVANHOÉ OU O REGRESSO DO CRUZADO.—CORREIO DE LISBOA.

AVEIRO

A QUESTAO DO DIA

commercio do Porto anda alvo-[illegible]o por causa da sellagem precei-[illegible] por Fontes Pereira de Mello em [illegible], confirmada por o sr. Hintze Ri-[illegible]ro em 1885, e posta em execução pelo sr. Marianno de Carvalho em 1889. Vejamos se tem razão de ser a resistencia que se levantou contra aquella medida, e se os termos seguidos teem sido os mais consentaneos com as conveniencias legitimas dos interessados, e com os direitos que assistem á fazenda publica.

O sello é para os objectos de vestuario importados do estrangeiro, como camisolas de malha, mantas de lã, le algodão, cobrejões e artigos simi- ares; e bem assim os panos, as fazendas de lã e algodão, sendo exclui- las as mindezas, como collarinhos, gravatas, rendas, fitas, meias, etc. Mas udo isto é só em quanto estiver nos estabelecimentos que os expozerem á enda, sem que a falta de sello dê logar á aprehensão logo que tenha sahi- lo do dominio do commercio. Parece- os ser esta a verdadeira interpretação as providencias contidas no respectivo regulamento.

Pois é contra aquella disposição que e insurge o commercio. Quaes as ra- ões que apresenta contra a observan- ia do preceito legal? Allega que é ma peia ás transacções, e que a manu- enção d'esta disposição é um attenta- o á liberdade do commercio. E' isto ério? Discutamol-o sem azedume.

Tudo quanto contraria o individuo, oarcta-lhe a liberdade, e póde por tan- o reputar-se como um attentado. A erificação das fazendas na alfandega, inspecção das bagagens nos pontos e chegada, tudo isto são limitações o arbitrio individual e póde conside- ar-se como offensa de direitos. Mas é m principio a que todos se sujeitam ninguem reclama contra as praticas o fisco, por mais vexatorias que pa- eçam.

Ora o sello do estado nas fazendas nportadas, é uma garantia para o ommercio licito, e como seja a apo- ção gratuita, ninguem póde capitu- l-a de iniqua, porque é uma provi- encia que obriga geralmente a impor- ção, não podendo ninguem conside- r-se vexado com ella.

Mas porque se executa agora, o que ontes estatuiu, e o sr. Hintz Ribeiro onfirmou, mas não fez observar? E' orque o contrabando invade por tal iodo o nosso mercado, que urge pro- idenciar de prompto, a fim de pôr-lhe obro. E querem saber o que se passa a região do norte, na facha territorial a fronteira hespanhola? Na Guardia, n Verim, por exemplo, pequenas po- oações da Galliza, é frequente irem ali m excursão aprasivel compatriotas ossos, provendo-se nos estabelecimen- os d'estas villas de muitos artigos por reços excessivamente modicos; e como hes seja difficil transportal-os depois, or causa da alfandega, a fim de se ubtrahirem ao pagamento dos respe- tivos direitos, preferem satisfazer uma equena commissão aos donos das lo- as, mediante a obrigação que elles ontraem, de apresentarem em dia e ocal designados os mesmos objectos ubtrahidos ao imposto. E o caso é que pesar da vigilancia do fisco, da exis- encia das barreiras, e das difficulda- les que surgem a cada passo, o con- rabando faz-se, e as encommendas ão recebidas na epoca ajustada.

No Porto ha casas que se acham m relações directas com os estabele- imentos de Galliza. Isto é publico e torio. Só o ignoram aquelles a quem ignorancia aproveita para protesta- a contra a sellagem dos artefactos rangeiros.

Seria por isto mesmo que na reu- que houve no sabbado na associa- commercial do Porto, se fez poli- e só politica, não abordando ne- orador de frente, para a discu- questão da sellagem?

*

que alludimos á reunião da as- ção commercial, demoremos-nos pouco sobre o assumpto. O que ali passou foi tão insolito e atrabiliario, ue não sabemos como a presidencia ão obstou aos desabafos inconvenien- d'alguns oradores. Nenhum d'elles cupou da materia. Alguns porém ingiram as raias da demencia, como ode ver-se do extracto publicado no *ornal do Porto.* Entre outras cousas isse-se que, se el-rei não attendesse á epresentação, em que se pedia a dis- ensa do sello nos objectos importados, *se lhe mandasse o coração do avô, que não servia de nada ao Porto!* Grosseria inaudita, desrespeito completo por o legado do immortal dador da carta constitucional, a cujo esforço o paiz deve a liberdade que actualmente desfructa!

E não houve n'aquella reunião voz que protestasse contra semelhante ultraje á memoria do grande cidadão, que á frente de um punhado de bravos tornou immorredoura a terra que sustentára com sangue generoso os direitos de quatro milhões de almas! E não appareceu ali quem fizesse calar a injuria, que não devia só pungir el-rei, por que foi uma affronta a todo o partido liberal monarchico! Porque o coração de D. Pedro IV, se é penhor de reconhecimento da dynastia, para com a cidade invicta, é tambem uma reliquia veneranda para os que amam a liberdade, e respeitam n'aquelle vulto homerico a personificação do valor e da lealdade dos que combateram pelas prerogativas constitucionaes, que os alicantineiros de hoje conspurcam, antepondo-lhes o capricho e a ganancia, embora com taes propositos o thesouro seja defraudado!

*

E d'ali seguiram para os paços do concelho os arruaceiros da commercial. Pretendiam que o presidente da camara se encarregasse de transmittir a el-rei o seu *ultimatum,* para que fosse revogado o decreto da sellagem, em menospreço dos principios constitucionaes! Pois que! onde é que no regimen representativo se permitte um grupo de cidadãos a faculdade de sollicitar directamente do chefe do estado a revogação de actos da exclusiva competencia do poder executivo? Pois não estava aberto o parlamento onde estas questões podem e devem ser tratadas com a maior legalidade e isenção? Por que appellaram para a corôa, os que se dizem liberaes, e respeitadores do systema representativo?

A auctoridade real é a cupula do edificio politico, mas o poder é exercido pelos ministros responsaveis. O parlamento legisla, e os secretarios d'estado executam. Esta é a engrenagem constitucional. E se o commercio do Porto pretendia que a sellagem fosse letra morta, o seu dever era representar ás côrtes, para que ellas tomassem em consideração a justiça que lhe assistia.

*

Desorientado, perdido, o commercio procurou no arruido das manifestações publicas a força que lhe faltava. Pretendia collocar á sua frente a municipalidade, e como o seu presidente se houvesse correctamente na resposta que lhe deu, mandou-o injuriar pelos seus estipendiados. E vendo que lhe faltava o terreno, voltou para a sala d'onde tinha sahido, deliberando ali que se fechassem as portas dos estabelecimentos, e que se arriasse a meio pau a bandeira que só nas grandes solemnidades devia tremular no edificio da bolsa! O vento da insania parecia soprar sobre aquellas cabeças escandecidas, compellindo os animos a emprehendimentos, de que decerto os mais pacatos se terão arrependido.

Em seguida, e como um acto de supremo desespero, deliberou-se mais, que fosse a Lisboa uma commissão, não só exigir a revogação da sellagem, mas tambem a do contracto da companhia vinicola do norte!...

O commercio tornava-se assim solidario com o syndicato dos vinhos, que não consente que mais ninguem negoceie senão elle, embora a lavoura nacional se insurja contra o monopolio que a assoberba!

*

Deu-se o santo e a senha, e á hora da partida da embaixada appareceu junto da *gáre* de Campanhã o ex-governador civil d'aquella circumscripção no consulado regenerador, trepado n'um carro, perorando ás turbas, exactamente como os dentistas de feira, que apregoam os seus elixires miraculosos, que vão impingindo aos incautos com o desplante proprio d'aquella gente! O orador deu conselhos, vociferou, disse aos japonezes que fossem ter com el-rei, e que não quizessem saber dos ministros, nem das côrtes geraes da nação! Excellentes principios constitucionaes predica este famulo do despotismo, que durante o seu proconsulado dissolveu *meetings* por meio de desordem, e que se riu depois nas barbas dos que lhe foram representar contra semelhante brutalidade, indigna de um paiz livre!

Foi a primeira vez que um homem collocado n'aquella plana desceu a competir com os foliculario de mercados reles, aprogoando nigromancias politicas, com a mesma consciencia, com que os seus congeneres extraem dentes, deslocando os queixos aos que teem a sinceridade de confiar na sua pericia.

*

A commissão em Lisboa foi recebida por el-rei, cuja resposta correcta é um modêlo de doctrina constitucional. São estas as palavras que se attribuem a sua magestade:

> «Recebo a representação que me é apresentada pelas commissões aqui reunidas, e recommendarei ao meu governo que, tendo em consideração a manutenção dos principios da auctoridade, procure uma solução para estas questões, de harmonia com os interessos do thesouro e os interesses geraes do paiz.»

Não podia ser outra a resposta da corôa. A agitação do commercio não tem razão de ser. A sellagem é um meio de evitar o contrabando, que se faz ás descancaras por toda a parte. O commercio oppondo-se á sellagem com o pretexto de evitar um vexame, está dando força aos contrabandistas, depauperando o thesouro. Estes são os factos, que depõem tristemente contra uma corporação a quem corre o dever de ser séria, e de se mostrar isenta de pechas, para que tenha a acceitação do paiz.

*

Fechar as portas dos estabelecimentos não é mostrar razão nem é esse o modo do commercio evidenciar a sua justiça. Taes demonstrações são uma pirraça impropria de quem se presa. Exponham os seus aggravos os que os tiverem, mas não sejam joguete de ambiciosos vulgares, que miram á satisfação de desejos que não se coadunam com as conveniencias da classe d'onde partiu o movimento tão insolito como insustentavel.

Nem confiem na dedicação de politicos que tendo a principal responsabilidade da sellagem, tentam agora declinal-a em outros, quando o seu partido a assumiu precipua, visto que a iniciativa pertence a Fontes, secundado tres annos depois pelo sr. Hintze Ribeiro. Já se vê que regeneradores e progressistas estão compromettidos na medida, e que uns e outros entendem que sem aquella providencia o contrabando proseguirá desenfreado em Portugal, zombando do fisco e compromettendo como até aqui os interesses do thesouro.

*

O governo declarou ante-hontem na assembleia representativa, que não se curvaria a nenhuma intimação indecorosa, nem a nenhuma violencia escusada. Acrescentou o nobre presidente do conselho, «que o governo está no seu logar e ha de saber manter-se n'este posto de honra, de onde não sairá, de onde não póde sair sob a pressão estranha de manifestações de desordem, que elle não deve acceitar, e com que não póde transigir.»

Já se vê que o posto do governo não póde ser mais correcto. Tem por si na questão sujeita, que é de ordem publica, todos os elementos constitucionaes, e creiam que os especuladores não farão bem proseguindo no proposito de resistencia, porque o paiz está ao lado do governo e contra os que appellam para a anarchia, a fim de conseguirem a revogação de providencias, que os partidos militantes reputam indispensaveis para acabar com o contrabando.

Tal é o estado da questão, que não póde protellar-se sem quebra de dignidade para o commercio, comprometttendo os interesses do paiz.

REPRESENTAÇÕES

Publicamos em seguida a representação que a solicita Camara Municipal d'este concelho dirigiu ao Chefe do Estado, pedindo os melhoramentos da Barra d'Aveiro:

SENHOR!—A Camara Municipal do concelho d'Aveiro, reunida hoje em sessão vem pedir a Vossa Magestade, em nome de todos os cidadãos d'este concelho que Haja por bem ordenar immediatas providencias que melhorem as deploraveis circumstancias em que se acha a barra d'Aveiro.

O primeiro elemento da riqueza d'este municipio e ainda de todo o districto, provém exclusivamente do bom ou máu estado do nosso porto maritimo, e, portanto, das condições de maior ou menor profundidade da vasta caldeira interior, que tem uma extensão prefixa de 45 kilometros, e na qual trabalham mais de 6:000 familias de todo o districto d'Aveiro, e da região Sul do districto de Coimbra.

A alta importancia e a influencia que a barra d'Aveiro exerce nos progressos locaes; o numero de individuos, que têm os seus interesses ligados á navegação costeira, á industria de pesca, da extracção das plantas aquaticas, e do sal, que dependem apenas da situação do nosso porto maritimo, levam esta Camara Municipal a requerer respeitosamente a Vossa Magestade que se digne mandar adoptar providencias energicas e immediatas, que melhorem no mais curto espaço de tempo a situação deploravel, em que a barra de Aveiro se encontra, e as circumstancias verdadeiramente lamentaveis, em que actualmente se acham todas as numerosas classes, que exploram a ria, ou seja propriamente como pescadores, ou como agricultores.

N'esta conformidade, Senhor, e obedecendo aos justos e sagrados desejos d'uma grande e laboriosa população, a Camara Municipal d'este concelho, legitima representante dos interesses d'esta importante circumscripção, confiando nas irrefutaveis manifestações de actividade e zelo administrativo, que o governo de Vossa Magestade tantas vezes tem dado,

Pede a Vossa Magestade Haja por bem determinar que sejam estudadas as obras a emprehender para os melhoramentos do porto d'Aveiro, dando-as em seguida por empreitada e por fórma que sejam executadas em prazo certo e curto.

E. R. M.

Aveiro, 23 de janeiro de 1889.

(Seguem as assignaturas de todos os srs. camaristas.)

Com o maior prazer publicamos tambem na integra a representação que o nosso collega do *Parlamento,* na sua qualidade de orgão e defensor dedicado da classe piscatoria, dirige aos poderes publicos, e que está sendo assignada por todos os pescadores, marnotos, negociantes de sal e pescado d'Aveiro:

SENHOR! — Os abaixo assignados, proprietarios de companhas de pesca, pescadores, marnotos e negociantes de pescado no littoral, Ria e praça d'Aveiro, veem respeitosamente pedir a Vossa Magestade remedio para as deploraveis circumstancias em que actualmente se encontra a Barra d'esta cidade, e por consequencia a vasta bacia, que constitue o interior do porto.

Ha longos annos, Senhor, que se estão produzindo na Ria constantes e enormes assoriamentos, ou seja em virtude da errada educação das correntes, ou em resultado das obras, que se tem feito, e que visivelmente prejudicam o alargamento e a profundidade da Barra. D'estes assoriamentos provém em grande parte a escassez de peixe n'esta grande região hydrographica, porque é de todos sabido e está ha muito comprovado que as especies, que povoam as aguas salgadas, ou pertençam á cathegoria dos peixes sedentarios ou á dos emigradores, procuram sempre os grandes fundos, e por todos é reconhecido que o importante estuario de Aveiro está em risco de perder-se, se não se acudir com promptas providencias ao melhoramento do seu porto maritimo.

Exercem a sua profissão na Ria de Aveiro, e vivem exclusivamente da sua exploração muitos milhares de familias de toda a beira-mar d'este districto. Da sua producção depende não só a commodidade e a economia da alimentação publica, mas ainda o desenvolvimento e prosperidade da agricultura da beira-mar, que encontra na Ria d'Aveiro o mais poderoso elemento da sua riqueza. Grande, portanto, é o numero de individuos, que têm interesses ligados aos melhoramentos da Barra, podendo assegurar-se sem receio que todo o districto d'Aveiro e a parte Sul do districto de Coimbra dependem exclusivamente, nas multiplas manifestações da sua existencia, do bom estado do nosso porto.

Além d'isto, Senhor, um dos mais importantes ramos da industria local é sem duvida alguma a exploração das salinas. Empregam-se no amanho das marinhas centenares de braços, e na compra, venda e exportação do sal se occupam outros tantos individuos, que constituem o principal e mais valioso commercio d'Aveiro. Desde que a Barra não permitta o facil ingresso aos navios, que se destinam á conducção do sal para os diversos portos do paiz e estrangeiro, desde que tenhamos necessidade de nos servirmos só dos meios ferro-viarios para a exportação d'este genero, o commercio do sal terá fatalmente de desapparecer n'esta região, e ainda com elle a industria predominante d'esta terra, ficando completamente reduzidas á miseria todas as numerosissimas familias, que tiram a sua subsistencia d'esse commercio e d'essa industria.

Erradamente se attribue, Senhor, ao uzo dos butirões e das chinchas o mau estado da Barra e da Ria, quando é certo que só provém esse estado da irregular orientação, que se tem dado ás correntes interiores do nosso porto. Nunca os butirões ou as redes d'arrastar alteraram o regimen das aguas ou promoveram assoriamentos, e a prova d'esta verdade está no ultimo, que se produziu no extremo do molhe S., onde nunca chegou a influencia dos butirões, e onde se assignalou por uma fórma irrefutavel a nenhuma preponderancia, que estas redes exercem no bom ou máu estado da barra.

E', pois, em nome da desgraça, que se aproxima de nós, em nome do nosso futuro e da tranquilidade de uma das mais vastas circumscripções administrativas do paiz que, plenamente confiados no alto criterio e preclaro entendimento do Augusto Chefe do Estado, nas provas de solicitude e actividade de que o governo de Vossa Magestade tantas e tão eloquentes provas tem dado,

Pedimos a Vossa Magestade haja por bem prover de remedio á situação anormal em que nos encontramos, dignando-se o r d e n a r que sejam estudados sem demora os melhoramentos a executar na Barra d'Aveiro, dando por empreitada geral ou empreitadas parciaes a execução d'esses trabalhos, no mais curto espaço de tempo, para que se modifique e melhorem as condições deploraveis dos proprietarios de companhas, pescadores, marnotos e negociantes de sal do districto d'Aveiro.

E. R. M.

(Seguem as assignaturas.)

Esta representação é exclusivamente d'estas classes e assigna-se ou na redacção do *Parlamento,* ou no armazem de pescado do nosso amigo e honrado negociante o sr. Pedro Moreira.

Concorramos assim todos para o bem da nossa terra, trabalhando decididamente em favor de tão util melhoramento.

CARTA DO PORTO

23 DE JANEIRO DE 1889.

Acabam de regressar os ultimos membros da commissão que uma parte do commercio d'aqui mandou a Lisboa para impetrar d'El-rei a demissão do governo—pois que outra cousa não era o deferimento da *intimação* á corôa, que tiveram o mau gosto de ir fazer-lhe. O sr. D. Luiz I, que sabe ser rei constitucional, recebeu-os como era dever seu fazel-o. Salvando o principio da auctoridade, tão irreverentemente atacado, o monarcha frisou bem o desgosto que lhe ia n'alma por ver tão mal conduzida uma classe que sempre fôra modelo de moderação e de patriotismo. O desengano chegou já a todos os illudidos. As portas, que se haviam fechado, estão abertas, a bandeira que se havia posto a meio pau em *signal de luto,* vae ser arreada—tudo o que era demonstração de guerra vae desaparecer, esperando-se que na reunião commercial de hoje o bom senso domine os espiritos a ponto de acabar completamente um conflicto que nunca devera ter existido.

O que é positivo é que a parte sã da cidade, os operarios e os industriaes, estão indignadissimos contra os da sellagem, e é fóra de duvida, que n'esse sentido, vão fazer-se manifestações de desagrado para elles e de confiança para o governo, que bem merece do Porto sério e limpo, a quem não tem deixado de prestar todas as attenções e todos os serviços que póde.

O que se fez foi mais um expediente politico, mas de mau effeito e de pessimo resultado. Estão-o já sentindo os commissionados que regressam de Lisboa, e que se apresentam aos amigos como que envergonhados do seu feito.

Um dos delegados da commissão portuense com quem acabo de fallar, diz-me, que na estação de Lisboa estariam, quando muito, 100 pessoas a despedir-se d'elles, na maior parte caixeiros e homens politicos. Antes de partir o comboyo o sr. Alfredo Guimarães disse o seguinte, referindo-se ao ministerio:

> «Vencemos outros da maior estatua, venceremos tambem estes que estão fracos e sem valor.»

Este orador acabou, iracundo, furibundo, amentando não ter os braços bastante compridos para abraçar todos os assistentes e para estrangular o sr. ministro da fazenda!»

Tem graça e não offende!

Alguns commerciantes que abriram as suas portas teem sido insultados, tendo nas suas casas pinceladas de tinta preta. A policia procede contra os auctores do attentado.

— Da Regua acaba de receber-se a seguinte noticia com data de hontem:

> «Cansou entre os lavradores agradavel impressão o facto das respeitaveis casas commerciaes de Tomaz Sandemann e Martinez Gassiot não terem adherido á insolita resolução dos commerciantes de vinhos. Estranha-se que entre outras casas aqui respeitadas como sérias não seguissem aquellas duas as casas Croft, Matias, Ferrostier, Grasão e Burmester. As noticias telegraficas de Lisboa foram lidas com vivo interesse. Causou enthusiasmo a resposta d'el-rei. Applaude-se calorosamente a attitude correcta e firme do governo. Os proprios adversarios d'aqui, que respiram outros ares, abertamente a louvam. Aonde iria tudo isto parar se as cousas se regulassem por similhantes processos?»

De Guimarães, tambem, com data de hontem, se recebeu a seguinte communicação:

> «Grande manifestação popular. Vivas ao governo, ao sr. capitão Machado e ao partido progressista, pelo projecto da collegiada.»

Tudo bem por toda a parte: mal só para os inimigos da ordem e dos progressos publicos.

Z.

NOTICIARIO

Notas da carteira.—Passou hontem o terceiro anniversario natalicio do filhinho do nosso dilecto e erudito collega n'esta redacção, Marques Gomes.

— Partiu para Vagos, a fim de cumprimentar os seus amigos d'ali, o sr. Silverio Augusto Barbosa de Magalhães.

— Acha-se melhor em Ovar o nosso amigo, o sr. Antonio Duarte da Silva, digno fiscal do governo, junto do caminho de ferro do norte, que foi maltratado no descarrilamento das Quintãns. Muito estimamos o seu completo restabelecimento.

Justa distincção. — O sr. Antonio Ferreira d'Araujo e Silva, digno director das obras publicas do districto do Porto, e que aqui exerceu egual cargo, e que durante 17 annos consecutivos poz á disposição dos melhoramentos publicos d'esta circumscripção administrativa toda a sua enorme actividade, acaba de ser agraciado com o grau de cavalleiro da nobilissima Ordem de S. Thiago. E' merecidissima esta distincção, pois poucos teriam mais direito a ella do que o sr. Araujo e Silva; e por isso foi com grande satisfação que os amigos que s. ex.ª aqui conta, e que são muitos, receberam tão agradavel nova.

A mercê agora concedida, foi proposta pelo nobre ministro da guerra, e como premio dos serviços prestados pelo sr. Araujo e Silva na edificação do grandioso quartel de cavallaria 10, pois foi s. ex.ª não só quem fez todo e projecto, mas até quem dirigiu a construcção do edificio, durante a sua estada aqui—edificio que é um dos seus maiores padrões de gloria.

Ao agraciado damos o nosso sincero e cordeal parabem.

Fallecimento.—Falleceu na sua casa de S. Martinho da Gandara o sr. José Lopes Godinho de Figueiredo, honrado proprietario e decidido progressista. O extincto, que era pae do nosso muito presado collega e amigo o sr. dr. Lopes Godinho, d'Oliveira d'Azemeis, era um caracter lidimo e um cidadão prestante. A morte alcançou-o na edade de 67 annos, o ultimo dos quaes foi de soffrimento por que uma molestia grave o deteve por muito tempo no leito da dôr.

A seu ex.^mo filho enviamos d'aqui a expressão sincera da nossa dôr.

Mais.—Acaba tambem de fallecer n'esta cidade o sr. Luiz Campanhã, que por muitos annos foi capataz do caminho de forro, n'esta secção. Foi um homem honrado e como tal mereceu sempre a confiança de seus superiores.

Curioso.—Quando no domingo passou em Aveiro a commissão do Porto, foram alguns cidadãos á estação, uns por curiosidade, outros por politica. Tres ou quatro apresentaram-se, chamando-se—associação commercial—entidade que ahi não reune ha muitos annos, e cujos corpos gerentes se ignora quem sejam. Basta dizer-se que se intitulou presidente um sujeito que não exerce commercio algum, pois é proprietario e vive dos seus rendimentos.

Afluiram outros individuos conhecidos pela sua desaffeição ao ministerio, e até um republiqueiro deu vivas ao Porto! Força de enthusiasmo, egual á da commercial que não existe. Tudo curioso e inoffensivo como um conto de Hoffman.

Tambem ali se apresentou a comprimentar os do Porto, um gruposinho intitulado—centro regenerador d'Ilhavo! Sim, srs., tem graça os chamados regeneradores a manifestarem-se contra a obra dos seus chefes, Fontes e Hintz Ribeiro!

Reportage.—Um nosso informador, que na segunda-feira acompanhou parte da commissão do Porto, desde Santa Apolonia, conta-nos o seguinte, que é relativamente importante como exclarecimento para a historia dos ultimos dias. Falla elle:

—Quando entrei na carruagem vinham no mesmo compartimento alguns individuos, que não conhecia. Ao sair o trem da *gare,* tudo era silencio; depois houve mais expansabilidade, e todos fallavam em voz mais ou menos audivel.

Nos Olivaes metto-me na conversa, e perguntei ao meu visinho da direita pelo estado dos seus negocios.—Vão mal, disse elle com ar contricto. Enganaram-nos. Prometteram-nos mundos e fundos apenas chegassemos a Lisboa, e encontramos-nos sós. Disseram-nos que resistissemos á sellagem, que os dos vinhos viriam de reforço, mas antes não viessem, que pelos modos elles e a politica estragaram tudo.

Tinham-nos dito que o rei suspirava pela nossa presença, e que bastaria ella para tudo mudar. Pois o rei é contrario ao que fizemos no Porto. Os oradores da commercial foram uns asnos; metteram a politica onde devia só entrar o interesse do commercio, e d'aqui o nosso mal.

— E o que tencionam agora fazer? lhe perguntei eu.

— Eu sei lá! Uns querem as portas fechadas, mas isso não convém, porque se nos vencem as letras, e nós não havemos de pagal-as com artigos de gazetas, nem com as declamações de gente fogosa, e que não pensa muito escorreitamente. Se alguns podem fazel-o, outros, a maioria não, que vive dos apuros do balcão de cada dia de trabalho.

— Mas então a sellagem é tão má como a pintam?

— Não sr., tudo aquillo é embirra. Eu sou negociante antigo, e já no meu tempo houve sello em todas as fazendas, miudas e graudas. E' certo que a sellagem leva tempo, mas tambem leva tempo a verificação das fazendas, e o commercio nunca se oppoz a isso. Ao meu ver andou em tudo isto manejo dos politicos e dos dos vinhos; esta cafila estrangeira a metter o bedelho nas nossas cousas. Nunca assim se viu. E para tudo se gastou dinheiro, que não faltou, porque havia até offerecimento para quem quizesse.

Tudo isto é uma calamidade, com que o commercio soffre. Até á ultima hora o Zé Moreira veio com os seus destemperos, elle que foi o chefe dos syndicateiros de Salamanca, que foi outra calamidade para o Porto. Os bancos estão ainda cheios de papelada, e se não fosse o governo progressista, teriam já alguns virado as pernas por cima da cabeça.

N'este ponto, tendo chegado o comboio ao entroncamento, o nosso informador apeou-se, e quando voltou para a carruagem o seu visinho tinha adormecido.

Tudo curioso e significativo.

Linha telephonica.—Dizem os nossos collegas portuenses que a linha não funcciona, em consequencia do mau estado d'ella n'este districto. Parece-nos injusta uma tal asserção, pois nos consta que os obstaculos se notam em toda a linha. A linha d'Aveiro tem um director experimentado, zeloso e activo como nenhum outro. E' assumpto difficil de contestar, e desafiamos quem quer que seja a que o conteste. As invejas hão de produzir sempre menos, que a verdade, cujo imperio se não destroe facilmente.

Dois parochos dignos.—Foram collocados na egreja da Trofa o sr. Antonio Correia Pires, e na de Lamas o sr. José Marques Vidal, ambos no concelho d'Agueda. Os novos parochos são clerigos muito dignos e muito illustrados, e hão de provar, pelos seus actos, que sabem comprehender e bem desempenhar a alta missão a que se destinam.

Juramento de bandeira. — No domingo, depois da missa geral no Carmo, effectuou-se na parada do quartel do Principe D. Carlos a aparatosa e tocante cerimonia do juramento de bandeira. O regimento estava em fórma e depois das respectivas formalidades, o illustrado capellão fez uma apropriada allocução, que a todos commoveu, prestando em seguida o juramento 155 recrutas de cavallaria 10. Ao acto concorreu muito povo e convidados, porque o digno commandante deu-lhe toda a solemnidade que merece. O quartel esteve em exposição.

Nomeação acertada.—O nosso antigo amigo e conceituado professor de musica, o sr. José Pinheiro Nobre, foi nomeado para o logar de professor de musica e canto córal da secção—*Barbosa de Magalhães*—do azylo districtal d'Aveiro.

Ao «Ovarense». — As phrases altamente lisongeiras que o nosso apreciabilissimo collega dirige ao nosso querido chefe politico, a proposito do seu passado anniversario, são-nos summamente agradaveis, e jámais nos esquecerão as provas da sua leal camaradagem.

Evolução! — No domingo de manhã houve em Aveiro um levantamento geral, e de tarde *todas* as lojas se fecharam e *todo* o commercio foi á estação, ou antes ao arraial de S. Sebastião. Sucia de pacobios!

A «Probidade».—Esqueceu-nos accrescentar que n'esta peça, que sóbe á scena no domingo, ha uma substituição importante: o papel do judeu Jacob, é agora desempenhado pelo sr. José da Maia Junior, digno director da typographia d'este jornal, e com largo tyrocinio do palco, em que tem sido festejadissimo em varios papeis, e que toma parte no espectaculo para ajudar a um seu irmão do trabalho honesto.

Incendio.—No domingo de noite as torres d'esta cidade deram o signal d'alarme de fogo, que se tinha manifestado em Esgueira, freguezia proxima, ardendo um alpendre com lenha. Os bombeiros appareceram com prestesa com o material, seguindo até Sá, mas retrocederam por o incendio estar completamente extincto.

Sorteio militar.—Foi já designado pelo sr. governador civil o dia 28 para o sorteio militar dos mancebos recenseados no concelho d'Ovar.

O comboyo operario—N'este comboyo barato seguiram no sabbado para Lisboa muitos passageiros d'esta cidade e seus arredores, que entráram aqui. Dizem-nos que ha já 3 vezes por mez d'estes comboyos.

Companhia Vinicola do Norte.—A favor da creação d'esta companhia teem representado todas as camaras d'este districto. Importa que isso se saiba.

A estrada de Caima. Sobre este importante melhoramento escreve o nosso collega *Jornal do Povo* de 19, o seguinte:

> «Está resolvido que esta estrada principiará na Praça d'esta villa, por onde havia sido feito o estudo da mesma. Os proprietarios dos terrenos a expropriar, que a principio se mostraram descontentes com o preço marcado na planta, concordaram afinal; e, quanto a nós procederam muito ajuizadamente, porque, concorrendo para o desenvolvimento florescente da villa, que ha-de progredir e aformosear-se com a abertura da estrada n'aquelle ponto, beneficiaram os seus interresses. O nosso amigo, sr. Manoel Corrêa Martins, empreiteiro d'aquella estrada, vai em breve principiar os trabalhos da abertura nas proximações d'esta villa.»

Que se começem e se concluam sem demora é o que importa.

Os dramas de amor.—Em Chelleiros, perto de Mafra, duas mulheres adoravam o mesmo *D. Juan*, um guapo e feliz lapuz. Uma d'ellas, physica e moralmente mais forte do que a outra, encontrando a rival n'um sitio ermo, atou-lhe as saias á cabeça, prendendo-lhe assim os movimentos, açoitou-a, e em seguida untou-a de petroleo e lançou-lhe fogo. Se não lhe acodem tão depressa, a pobre rapariga estava hoje reduzida a um pedaço de carvão; ainda assim, receia-se bastante pelo seu estado.

Despachos administrativos.—Effectuaram-se os seguintes:

Joaquim José Catanho de Menezes, nomeado administrador de Sant'Anna.

Joaquim Caldeira de Mendonça, exonerado de administrador substituto de Sant'Anna.

Augusto Joaquim da Silva, nomeado para o referido logar.

Florencio Monteiro Vieira de Castro, exonerado de administrador de Fafe, por ter sido nomeado recebedor de Villa Nova de Famalicão.

Antonio Maria Parente, subdito hespanhol, naturalisado portuguez.

Auctorisando a commissão administrativa do asylo de D. Maria Pia a alienar 3 acções, que possue da Companhia Lisbonense da illuminação a gaz, afim de applicar o producto d'esta venda na compra de titulos de divida publica portugueza.

Carta de Sua Santidade.—Sua Santidade Leão XIII em carta de 10 de dezembro proximo preterito, dirigida aos arcebispos e bispos de America descreve os males que opprimem os emigrantes italianos, que todos os annos e em grande numero abandonam a patria, afim de procurarem meios de subsistencia, o que é assás deploravel, visto como a maior parte das vezes esses infelizes, constrangidos pela miseria a mudar de paiz, recaem em soffrimentos maiores do que aquelles que queriam evitar.

Sua Santidade descreve os perigos das viagens, os trabalhos quotidianos e excessivos, que lhes exigem, os tractos, por vezes crueis, que recebem dos homens cupidos, a quem se entregam, e que tudo sacrificam ao lucro e ao seu bem estar, lementando sobretudo que, n'aquellas remotas paragens, elles não possam encontrar facilmente o soccorro salutar dos ministros de Deus, conhecedores da lingua italiana, que possam doutrinal-os na fé, alimentar e desenvolver em suas almas a vida espiritual, prestando-lhes os serviços do seu ministerio.

No intuito de prover, pelos meios ao seu alcance, ao bem de tantos filhos espirituaes e á salvação de suas almas, Sua Santidade dirigiu uma consulta á Sagrada Congregação da Propaganda da Fé, afim de que lhe propozesse os remedios, que julgar mais adequados, se não para attenuar, ao menos para debellar os grandes males e inconvenientes da emigração. No entanto, Sua Santidade resolvia mandar, desde já para alli muitos padres italianos, afim de assistirem aos seus compatriotas com o soccorro salutar da religião, e instituia, na séde do bispado de Placencia, um collegio apostolico de padres (seminario) onde possam instruir-se e exercitar-se na disciplina christã, junto dos cidadãos exilados da Italia, aquelles que quizerem dedicar-se á vida gloriosa da milicia sagrada.

Sua Santidade espera que se hão-de colher fructos abundantes d'esta santa cruzada, que vae levar as doces consolações da religião aos italianos estabelecidos na America.

N'este notavel documento pontificio teem muito que aprender os reverendos bispos e parochos de Portugal, e para elle chamamos a sua attenção.

Um testamento original.—Morreu, repentinamente, em Nevers, Augusto Genin, que estava á testa de um syndicato de companhias de gaz, cujas fabricas estão installadas em diversas cidades da França.

Augusto Genin era já de edade avançada, e deixou um testamento de uma originalidade bastante notavel: lega mil francos de renda a cada um dos 86 departamentos da França.

A parte que pertence aos antigos departamentos da Alsacia-Lorena será depositada no ministerio da guerra, e empregada na compra de armas até ao dia em que estes departamentos poderem dispôr d'ellas.

Um patriota!

Genin legou os seus moveis e as suas collecções á cidade de Biarritz, e diversas quantias a seus sobrinhos, em 1.° e 2.° grau, com a condição de que a quantia que lhes tocar nunca exceda cincoenta mil francos.

Deixou os seus castellos aos pobres, com a clausula de que os seus herdeiros directos terão durante dez annos a faculdade de os comprar, o mais importante por 125:000 francos, e o menos importante por 80:000.

O que vae sendo a Australia.—Conta o correspondente d'um jornal inglez, ao referir-se ao alto o preço a que tem subido os valores immobiliarios na Australia, que um proprietario australiano tendo vendido recentemente por 50:000 libras sterlinas uma pequena propriedade que possuia a 26 milhas de Melbourne, um pobre casal de 500 acres, chegando a Inglaterra lhe foi offerecido pelo mesmo preço uma propriedade magnifica de 1:650 acres com um bello palacio, construido outr'ora por um personagem illustre, tendo além d'isso uma esplendida tapada e jardins cercados de altos muros terrassos, numerosos cedros e tudo isto a meia milha da estação dos caminhos de ferro e a 30 milhas de distancia de Londres.

O *Times* reproduz este caso com alguma reserva mas é notorio que o preço do solo australiano tem augmentado consideravelmente estes ultimos annos: uma exploração situada a 60 milhas de Melbourne, que ha quinze annos foi comprada por 230:000 libras, está hoje avaliada em um milhão de libras sterlinas; as florestas de Campperdown, que ha dois eram cotados em uma libra por acre, tem-se vendido a 3, 4 e 5 libras. Os preços de aluguer de casas em Melbourne estão sendo elevadissimos.

Explosão de mina—Muitos mortos e feridos—Deu-se ha dias em Manchester, n'uma mina de carvão de pedra. Ao estampido da detonação accorreu toda a população mineira, sendo necessario empregar a força para se proceder aos trabalhos do desentulho dos poços. Centenas de mulheres e creanças assistiam a esses trabalhos. Deram-se scenas desoladoras, de cada vez que extraiam um cadaver. Foram tirados já trinta mortos: o numero de feridos é incalculavel.

Aproveitem os que pódem precizar.—O doutor e publicista Portugalloff assevera que a strichnina, ministrada em injecções sub-cutaneas, constitue um meio infallivel e immediato, de curar os ébrios da sua funesta paixão. Desde o primeiro dia de tratamento apresenta-se uma aversão invencivel ás bebidas alcoolicas, e quinze dias depois póde dar-se por terminada a cura. Se mais tarde reapparece a tentação e o individuo prova de novo os alcools, apresentam-se sensações tão insupportaveis e dolorosas, que elle tem de renunciar para sempre á bebida.

MARIANNO DE CARVALHO

A qualidade de Marianno mais admiravel, mais typica, mais popular, mais accentuada; a que ha-de perpetuar o seu nome e bordar uma lenda colossal de isenção, de coragem e perseverança em torno da sua athletica figura, é a qualidade de jornalista. O nosso paiz ainda não o teve superior, nem sequer egual.

E Antonio Rodrigues Sampaio?—perguntam-me naturalmente.

Não valia o Marianno, permittam-me que o affirme.

Certamente, o ardente e rude pamphletario do *Espectro*, o erudito e energico polemista da *Revolução*, era um argumentador de primeira ordem, um demolidor arrojado até á loucura, um immaculadissimo escriptor. A sua prosa austera e cheia era sonora como o bronze e brutal como um ariete. Tinha ao mesmo tempo de Juvenal e de Quintiliano. Ora se alisava em altos conceitos, ora se rasgava em satyras sangrentas. Mas, extremamente classica e doutrinaria, tinha o hieratismo anguloso d'uma estructura metallica; não fazia *ditos*, dava sentenças; não distrahia, ensinava; ou ria a escancaras, ou chorava a potes; não era capaz de se adelgaçar, de se aligeirar, de sorrir; não se dobrava á facilidade, á elasticidade, á leveza que devem ser a essencia do jornal moderno e constituem hoje para o publico a leitura predilecta.

Ora o espirito de Marianno de Carvalho, ao passo que é capaz de traçar os *artigos de fundo* mais didacticamente impeccaveis e mais largamente eloquentes, que é possivel fazerem-se n'aquelle seu estylo desataviado e conciso, sabe ao mesmo tempo deitar-se a cabriolar endiabradamente pelas columnas do jornal fóra, em allusões, em alfinetadas, em sueltos d'uma vivacidade unica, d'um humorismo impagavel, d'uma graça infinita. E' conjunctamente rijo e maleavel, grave e zombeteiro; solemne para a primeira columna, e picaro, agil, vivo para o resto do jornal.

Marianno de Carvalho nasceu na Abrigada a 25 de julho de 1836. Aos 14 annos, vinha matricular-se na Escola Polytechnica, onde logo revelou notabilissimas aptidões, e seguia depois o curso de pharmacia, que tinha concluido aos 18 annos com muita distincção. Foi então praticar para uma velha botica, á Mouraria.

Mas as suas pujantes faculdades não se sentiam bem alli. Acenava-lhe de longe a fatalidade do seu destino, irresistivel. Um bello dia, deu ao diabo o almofariz e os unguentos, e voltou á Polytechnica a concluir o curso de mathematica. Estava na Escola do Exercito cursando, em 1862, as cadeiras complementares para a engenheria militar, quando ganhou n'um brilhante concurso o logar de repetidor d'este instituto, e, no anno seguinte, o de lente substituto de mathematica na Escola Polytechnica. (Decreto de 22 de abril),

Foi por este tempo que Marianno começou a sua vida de jornalista. Venceu com elle naturalmente esta vocação instinctiva, esta orientação ingenita da sua energia cerebral. Teixeira de Vasconcellos fundava em 1862 a *Gazeta de Portugal* e cercava-se dos talentos mais promettedores do paiz. Marianno entrou na conta. Denunciou-se logo o luctador, o improvisador por excellencia, vibrante de toda a mascula exuberancia de juventude, e forte da excellente preparação scientifica das escolas, que dava sempre aos seus criterios uma concatenação firme e ás suas opiniões uma grande auctoridade.

Mas a *Gazeta de Portugal* era um jornal conservador, vasado nos moldes estafados de *Portugal-velho*. O talentoso innovador sonhava nos processos jornalisticos uma revolução completa. Queria ver no jornal uma feição parallela com a da epoca, de modo que a sua leitura désse a nota quente, agitada, breve do assumpto palpitante: de modo que elle corresse de mão em mão, e fosse comprado com gosto e lido com avidez. Queria o jornal *actual e barato*, feito de artigos pequenos e vendido por pequena quantia. Queria escrever para o povo; queria democratisar a leitura.

N'estas ideias ajudou a fundar as *Noticias*, as *Novidades* e o *Diario Popular*, tudo jornaes ephemeros; e, tendo-se separado da sociedade que tinha n'este ultime, fundou então logo a seguir, e mais propriamente seu,—juntando um artigo áquelle ultimo titulo, um outro, *O Diario Popular*, que conta hoje 22 annos de gloriosa existencia, quasi sempre assignalada pela mais franca prosperidade.

E' que appareceu no momento proprio. Respondera, como o *Diario de Noticias*, a uma dada necessidade social, tendo sobre este a vantagem de uma redacção superior.

A collecção dos artigos publicados no *Popular* por Marianno é verdadeiramente monumental. Póde construir-se por ella a autobiographia de um dos talentos mais assombrosamente solidos do nosso pequeno mundo, e ao mesmo tempo a historia dos nossos derradeiros vinte annos de vida politica e social. São o ecco da consciencia publica. Pulsa ali, quasi sempre verdadeiro e justo, vehemente e apaixonado por vezes, inalteravelmente sincero e livre, o coração do paiz.

Que de homericos disvellos, que de sobrehumanas fadigas não tem merecido a Marianno o seu *Popular!* Formavam uma longa e interessante chronica. Nos primeiros tempos, elle consumia na famosa casa de S. Roque manhãs, dias, noites inteiras, dirigindo, velando, impulsionando tudo; fazendo artigos e indicando aos collegas o que convinha que fizessem; revendo na prova, linha por linha, todo o jornal; assistindo á saida do pessoal typographico, lá por essa noite fóra; ficando-se ali a dormir sobre as cadeiras da redacção um somno fatigante; e indo, alta madrugada, abrir a porta aos distribuidores do jornal.

Um trabalho insano.

D'uma vez, havia na administração bastante dinheiro e tinha-se mandado vir uma machina nova de impressão. A' noite, estando ella já montada e prompta a funccionar, encheu-se o jornal com a regularidade do costume.

Sahiram todos os redactores, menos o Marianno. Este viu as ultimas provas, e estendeu-se ao longo de duas cadeiras, cançado, tranquillo. Mas agora o vereis! Na officina ía uma atrapalhação dos demonios. Ninguem se entendia com a machina nova. Propunham-se alvitres, aventuravam-se tentativas, mas nada de resultado! Então, depois d'uma hesitação angustiada, o machinista vem acima, tremulo, medroso, muito comico, e balbucia o caso ao Marianno.

Marianno sorri, passa n'um prompto á officina; faz assentar as formas e dar a tinta; despe o casaco, alarga o laço da gravata; braços á machina... e faz a tiragem do jornal.

Marianno de Carvalho não é artista; não tem rendilhados de forma; não tem requintes de estylo, nem a fallar, nem a escrever. Não tem a epilepsia brilhante de Emygdio Navarro, nem a encantadora orchestração de Antonio Candido. Porém a ideia ganha onde perde o accessorio. A phrase saelhe trivial, plebeia—se quizerem, mas limpidissima, crystallina, persuasiva, facil. Não borda arabescos, despede relampagos.

E como elle torna o jornal scintillante, polvilhado de pequeninas *biscas* chistosissimas! Como elle sabe repetir implacavelmente, variando-a ao infinito, uma vez grotesca, até matar do ridiculo o alvo que se propoz! E que clareza, que lucidez suprema de exposição, que diamantina evidencia na deducção do argumento, que sciencia deslumbrante de conduzir o arrazoado! Explicados por Marianno, os mais nebulosos, os mais complexos problemas da sciencia e da politica parecem coisas simplissimas, desdobram-se, definem-se, ficam tangiveis para a mais obtusa intelligencia.

Marianno possue um cerebro onde faz sempre sol; e tem o condão rarissimo de poder dar ao publico a nota, a côr exacta do seu modo de ver as coisas. Esta dualidade prodigiosa é que o tem feito popularissimo. O povo intende-o. Fraternisaram. Amam-se,—a despeito de todas as apparencias em contrario. A popularidade do partido progressista é a popularidade de Marianno de Carvalho.

Porque, de mais a mais, Marianno tem tido a excepcional felicidade de saber achar, vestir e soprar n'um dado momento á publicidade a phrase pittoresca e justa, que andava ahi debaixo da lingua de todos, mas que ninguem formulava, e que vem definir maravilhosamente o caracter d'uma situação, d'um individuo, o modo de ser typico d'um determinado estado moral. São conhecidissimas de toda a gente essas syntheses famosas. Para as crear, Marianno identificou-se com a alma do seu paiz, dentro do seu tempo. E isto só o genio sabe fazel-o.

Não se pode avaliar bem a somma espantosa de vitalidade que este homem extraordinario esbanja indefectivelmente, senão vendo-o de noite, á meza bohemia da redacção do jornal, sentado indifferentemente em qualquer dos logares, com o espirito desempoeirado e a phrase tão alada e galhofeira depois d'um dia inteiro de trabalho, como se tivesse chegado d'um passeio retemperativo ao campo ou d'alguma *partie fine*. Ha cerca de vinte annos que a sua vida invariavelmente é esta: —de manhã as lições na escola, de tarde o parlamenao, onde é pontualissimo, e á noite o jornal. Pois esta productividade excessiva, longe de o fatigar, antes parece que mais lhe afina e lustra as qualidades.

Passou longas horas abancado a uma meza de exames? Soffreu na camara a durissima refrega d'uma sessão de escandalo? Ninguem o dirá. Porque eilo que chega ao jornal, desanuviado, risonho, fresco, sem o menor indicio anesthesico, sem a minima sombra das preoccupações do dia, retomando a sua tarefa costumada, lardeando, como sempre, o cavaco de pequenos jogos de espirito, de pilherias originaes, de esfusiadas garotas.

Por exemplo. No *Popular* trabalha-se ao domingo, para haver jornal á segunda feira; mas de ordinario não se escreve nos outros dias santos. Como d'uma occasião tivssse de coincidir um dia santo qualquer com um domingo, *mestre* Marianno foi interrogado por um collega sobre se n'esse dia duplamente santo devia, ou não, dar-se o jornal.

O Marianno, com a mais comica seriedade, debitou.

—Eu lhe digo: em regra, quando o dia santo cair n'um domingo, dá-se jornal no dia seguinte; porém, se fôr o domingo que cair no dia santo, então não deve haver jornal.

O interlocutor, sem pesar muito a malicia d'esta resposta, acceitou gravemente a indicação. Mas o Marianno a fital-o... com a grande pupilla franzida e um risinho cascalheiro. Então o homem dá pelo logro, e aventura.

—Sempre vossê tem coisas! Que diabo de distincção é essa do dia santo cair ao domingo, ou do domingo cair ao dia santo?

E o Marianno, outra vez muito sério:

— E' claro! Na folhinha não ha festas chamadas *fixas*, e outras *moveis*? Pois bem. Imagine vossê um domingo coincidindo com o dia de Natal: foi elle que foi ter com a festa,—não ha jornal. Imagine agora que é uma festa *movel* que se encontra com um domingo: ella é que foi ter com elle: dá-se o jornal. Percebeu?

Todos se deram ingenuamente por convencidos da tolice.

Filiando-se no partido reformista, Marianno de Carvalho era eleito pela primeira vez deputado em 1870, representando o circulo da Chamusca na legislatura que começou em 31 de março e findou pela dissolução em 21 de junho do mesmo anno. Desde então, ainda não houve eleição de deputados em que elle deixasse de vir ao parlamento, onde tem representado successivamente varios circulos da metropole e das colonias. Em 1876, acompanhou os seus amigos politicos na fusão com o partido historico, em resultado do pacto da Granja, de que nasceu o partido progressista, ao qual o eminente parlamentar e jornalista tem com a maior lealdade, abnegação e desinteresse, prestado serviços constantes, alguns d'um valor inestimavel.

A sua fama de orador está de ha muito solidamente estabelecida, e o voto do paiz é unanime em conclamal-o como uma das radiações mais fulgurantes da nossa tribuna politica. Falla, como escreve, sem grandes preoccupações de forma, mas com aprimorada correcção. Nunca se exalta, não ha interrupções que o irritem, nem ápartes que o desnorteiem ou perturbem. Placido sempre e frio, quando em volta d'elle se ergue uma tempestade de coleras gritadas, sabe aguardar serenamente a apasiguação do tumulto, e continua depois imperturbavel o seu discurso, não sem corrigir com implacavel energia os que haviam tentado emmudecel-o.

Ha um não sei quê de enormemente fascinador e suggestivo na faiscação arrogante do seu olhar tão fino e tão claro, na rutilação de verdade que despede da sombra da palpebra alongada a sua grande pupilla negra e scintillante. O seu privilegiado espirito, a um tempo phantasista e positivo, sarcastico e austero, traduz-se rigorosamente na phrase inexcedivelmente lucida e concisa, mordida vivamente de humorismos petulantes. Com o seu olhar penetra a convicção no animo dos que o escutam, ao passo que o seu verbo, caustico e subtil como um punhal florentino, fere de morte a argumentação do adversario. Subjuga, prende, esmaga, persuade. E' o sympathismo dos eleitos, é a hypnotisação do talento.

Marianno entra em todas as questões com grande proficiencia, porque as estuda como poucos. Na legislatura de 1882 trabalhou prodigiosamente. Inscreveu-se em todos os debates que se levantaram na camara electiva, e fez discursos notabilissimos.

— Tratava-se de caminhos de ferro? Fallava na questão como um engenheiro dos mais habeis, apresentava estatisticas comparadas, citava precedentes, amontoava argumentos.—Tratava-se da marinha? Apresentava a mesma competencia, discutia regulamentos, planos de construcções, tudo, como se fosse um velho marinheiro. —Discutia-se o exercito? Fallava como um general experimentado, batendo-se valentemente com os militares que tinham assento na camara.—O assumpto era a fazenda, cabos submarinos, contractos de navegação, arrozaes, dotação do clero, instrucção publica, portos artificiaes?

Em tudo e sempre a mesma proficiencia, a mesma logica indestructivel, a mesma erudição pasmosa, a mesma ironia cortante.

Mas a sua especialidade foram sempre as questões de finanças.

Era o unico homem que Fontes temia. Quando em 1881, depois das eleições geraes, em que os regeneradores obtiveram uma esmagadora maioria, o illustre chefe do partido era festejado pelos amigos, teve esta phrase conhecida:

—Nunca ha grandes maiorias quando o Marianno está na opposição.

Uma das affirmações mais captivantes dos sentimentos liberaes e da independencia de caracter de Marianno, foi o seu celebre discurso da sessão de 1883, em que levantou a questão das associações religiosas e verberou indignado o incremento assustador da propaganda reaccionaria entre nós. Toda a imprensa liberal do paiz o applaudiu calorosamente e a Associação Liberal do Porto conferiu-lhe o diploma de socio honorario.

Marianno de Carvalho é essencialmente e principalmente um homem modesto. Com vinte annos de brilhante carreira no professorado, na imprensa e na politica, dispondo d'um grande prestigio publico, tendo todas as condições para se pôr em evidencia, para se fazer respeitar e temer, para *se arranjar*, para se impôr, nunca pensou em sair da arena fatigante das luctas quotidianas pela porta falsa, mas commoda, das fartas prebendas burocraticas ou das negociatas indecorosas. Nunca pensou, que, pensal-o, dada a sua importancia, o mesmo seria que conseguil-o.

Professor e jornalista, n'isto resume as suas ambições.

Nunca teve o aprumo, a linha dominadora, a adoração physica de si mesmo, o culto theatral da fórma, do gesto, e da attitude. Na camara tornou-se lendario o seu eterno *pardessus* cinzento, o seu velho chapeu farripado, o desalinho do seu lenço preto. Não vislumbra um assomo de vaidade no desenho adoravelmente simples do seu perfil. Quer-se com os humildes, com os pequenos, com os que soffrem e trabalham. O fastigio da opulencia e da fortuna podia empanar-lhe a limpidez do pensamento, amollecer-lhe a tenacidade, travar a continuidade da sua obra.

E é tão natural, tão essencial no Marianno o desinteresse, a isenção, a repugnancia por tudo quanto seja auctoridade ou grandeza, que em qualquer collisão de opiniões com os amigos ou os collegas está sempre prompto a ceder. Parece aspero e frio como o granito, e é doce e malleavel como uma creança. Falta-lhe um bocadinho de egoismo politico, de energia propria. A's vezes, em actos da sua iniciativa, transige mais do que lh'o permittiam a coherencia dos seus intuitos e o fito do seu ideal.

Quando em 28 de maio de 1879 se demittiu o ministerio regenerador, e el-rei mandou chamar ao paço Anselmo Braamcamp, convidando-o a formar um novo ministerio, um dos primeiros nomes que o respeitavel estadista lembrou a sua magestade para o novo gabinete, foi o de Marianno de Carvalho. O chefe do Estado na formulou nem sombra de hesitação, em acceital-o.

No emtanto, Marianno, apesar de vivamente instado pelos seus amigos, declarou, quando foi consultado, que não desejava nem queria ser ministro. E não o foi. E a final fez bem. Porque o paiz, que conhecia de sobejo a intimidade de relações, não só politicas, mas mesmo pessoaes, que ligavam Marianno á maior parte dos membros do novo gabinete; e que sabia além d'isso da primacial influencia por elle exercida no seio do partido, entrou de asseverar que o Marianno era quem *dava as cartas* e quem dirigia por traz da cortina a politica do ministerio, do qual era o oraculo, o mentor, o chefe verdadeiro. Chamaram-lhe o *poder occulto*. E Marianno fruiu assim, durante os 22 mezes de vida da situação, um prestigio enorme, sem correr os inconvenientes nem os riscos das responsabilidades officiaes.

*

Um dos actos da vida publica de Marianno que mais alto o levantou na admiração de nós todos, foi, e com toda a justiça, a celebre campanha de 1884 contra os accionistas estrangeiros da nossa companhia dos caminhos de ferro do norte e leste.

A administração d'esta companhia andava ha muito na posse exclusiva de grandes capitalistas estrangeiros, que tinham feito d'ella a sua presa mais opima. A companhia era das mais prosperas e rendosas do paiz; mas, mercê dos desmandos, malversações e abusos da direcção de estranhos, os seus rendimentos pouco ou nada aproveitam á nação. O material era imperfeito e antigo, o serviço moroso e pessimo, o pessoal insufficiente. Erguera-se em todo o paiz uma queixa, um protesto geral, um desejo imperioso de reagir. Mas como?... A lucta era difficilima. Os estrangeiros guardavam em seu poder a chave de todos os negocios, resolviam tudo em Paris, e possuiam o maior numero de acções.

Só uma cabeça privilegiada poderia tentar a lucta, com uma tenue possibilidade de exito, ainda assim. E que é d'ella?... Não era facil... O unico competente era talvez o Marianno... Fallaram-lhe. Acceitou com difficuldade.

Elle bem conhecia que esta cartada era decisiva para o seu nome, e que d'uma prova tão transcendente havia de sair para sempre, ou um benemerito ou um nullo.

Votou-se todo á questão, e em 13 dias estudou, preparou e escreveu o *famoso relatorio, apresentado á assembleia geral da companhia*, e que é um dos documentos mais monumentaes, que pódem citar-se, da incommensuravel tensão de agudeza, até onde é capaz de enaltecer-se o espirito d'um homem superior. E' um libello esmagador e inabalavel, todo baseado em excellentes considerações economicas, opulentado de innumeras indicações e minudencias technicas, representando uma somma tal de trabalho, que ainda para a melhor e mais esclarecida intelligencia, para a mais provada aptidão profissional, só poderia ser resultado de mezes de longo e ininterrompido estudo.

Pois foi feito em 13 dias.

Não se póde calcular a contensão extraordinaria das faculdades, a prodigiosa febre de talento, a monstruosa assimilações de leis, regulamentos, formulas e principios technicos a que Marianno devia ter-se entregado, n'aquelles escassos dias, para obter tão assombroso resultado.

Este esplendido relatorio manobrado em harmonia com uma serie de habilissimos estratagemas, conduzidos desde o outomno de 1884 até á celebre assembléa geral de 30 de março de 1885, deu em resultado a derrota dos accionistas estrangeiros e a reivindicação da administração da companhia para Portugal.

E' das mais puras, das mais retumbantes glorias de Marianno este triumpho, que lhe creou no paiz um prestigio immenso e o fez conhecido e apreciado lá fóra.

Tambem Marianno de Carvalho é hoje o primeiro vulto politico do seu paiz. Para prova, veja-se.

Depois da morte de Fontes, ficou sendo elle o martyr do *artigo de fundo*. Sobre elle cairam de preferencia as diatribes, as calumnias, os insultos, a lama da politica mesquinha. E' o mais alto, porque é o mais atacado. A descompostura é o doloroso apanagio das culminancias sociaes.

Em 18 de fevereiro de 1886, o sr. José Luciano de Castro recebia do rei a missão de formar um gabinete progressista. Marianno estava tão vigorosamente indicado e reclamado para a pasta da fazenda, que não pode escusar-se. Não lh'o permittia o partido, não lh'o consentia o paiz. Foi feito ministro. E hoje póde já dizer-se que é o primeiro ministro da fazenda portuguez, depois de estabelecido o regimen constitucional.

Tem desdobrado uma superior intelligencia e uma actividade sem limites na gerencia da sua pasta, simplificando, melhorando, reformando, revolvendo todos os serviços dependentes do seu ministerio, não á tôa, ás apalpadellas, ensaiando expedientes, mas obedecendo a um vasto e meditado plano financeiro, cujo mechanismo e alcance por emquanto é cedo para julgar.

A instituição do Banco Emissor, a reforma pautal, a reorganisação do orçamento, as leis sobre a conversão e o regimen dos tabacos, a reforma aduaneira—são tudo obra da sua fecunda iniciativa.

E' que Marianno de Carvalho, depois de ministro, mais afervorou ainda, se era possivel, n'esta sua desfibrinante dedicação ao trabalho, ao cumprimento do dever, ao bem da sua patria.

A um amigo, que d'uma vez, queixando-se-lhe de doenças, acrescentava: —*você é que está sempre famoso*,— Marianno contestou:—Meu caro, não tenho tempo para estar doente!

Vae n'este dito uma satyra e uma lição eloquente á nossa proverbial indolencia *do dia de ámanhã*.

Abel Accacio Botelho.

CARTA DE LISBOA

21 DE JANEIRO DE 1889.

O esclarecido delegado de saude, sr. dr. Eduardo Burnay, já apresentou os relatorios de que foi superiormente encarregado para se fundarem na capital uma *morgue*, um hospital para a cura da raiva, e um laboratorio para indagações toxicologicas. O distincto medico após conscienciosas e pacientes investigações conclue por affirmar, segundo ouvi, que o systema das injecções anti-rabicas já deu todas as provas de efficacia, e que a opinião medica illustrada do paiz abraça com enthusiasmo aquelle systema, como ficou provado pelas decisões da junta consultiva de saude, das escolas medicas de Lisboa e Porto, e sociedade das sciencias medicas. O novo edificio para funccionarem a *morgue*, o instituto e o laboratorio, será dotado pelo Estado com pessoal habilitado do paiz e de França.

— O sr. Julio Cesar da Silva Cordeiro, aspirante de cavallaria 3, está ha annos em Lisboa estudando, e frequenta actualmente a escola do exercito. A familia, a que pertence, reside em Santarem, e o pae, negociante abastado d'aquella cidade, tem por correspondente em Lisboa, o sr. Salgado, dono do estabelecimento da rua Augusta, n.os 292 a 298, e um outro commerciante do mesmo nome, logista tambem na rua Augusta, n.° 58, que costumam, por ordem do pae, fornecer dinheiro ao sr. Silva Cordeiro. No principio do anno, antes de ir para outra casa, esteve o aspirante de cavallaria hospedado no hotel Ancora de Oiro, na travessa da Assumpção, á esquina da rua Aurea, e ahi encontrou-se com um individuo chamado Augusto Guilherme de Castro, com quem travou relações mais intimas.

No principio da semana passada um dos correspondentes recebeu uma carta assignada pelo sr. Julio Cesar da Silva Cordeiro pedindo 6$000 réis, que o sr. Salgado immediatamente mandou entregar. Um dia d'esta semana, segunda carta foi enviada ao mesmo sr. Salgado solicitando quatro libras, que este recusou, estranhando o facto, muito principalmente por o pedido ser feito em carta, quando o sr. Silva Cordeiro costuma ir pessoalmente buscar dinheiro, sempre que o necessita. O audacioso gatuno, que outro não é senão o Augusto Guilherme de Castro, para poder haver aquella quantia mandou para Santarem ao pae do sr. Silva Cordeiro um telegramma concebido nos seguintes termos:

«Meu pae—Estou muito afflicto; peço que mande em carta fechada para á posta restante, porque mudei de casa, uma ordem para me serem dadas quatro libras.»

E o bom homem, affectuoso e dedicado como são todos os paes, immediatamente satisfez o pedido, que lhe foi feito em telegramma, suppondo que effectivamente fôra o filho que lh'o houvera dirigido. No dia seguinte foi apresentada a ordem ao sr. Salgado, que, desconfiando do caso, perguntou ao gallego quem lh'a tinha apresentado, e onde estava a pessoa que o mandára. Saindo os dois, porque o criado dissera que estava ali proximo um individuo á espera da resposta, já o não encontraram. Confirmadas as suspeitas, dirigiu-se o sr. Salgado a casa do sr. Silva Cordeiro, que lhe disse nunca ter mandado pedir dinheiro. Em vista d'isto foi feita a respectiva queixa á policia, e hoje pela manhã o habil cabo Ferreira, o mais fino Argus da policia, prendeu na rua dos Fanqueiros n.° 159 4.° andar, o auctor d'este audacioso roubo, que estava recolhido ainda com uma hespanhola de nome Aurelia, com quem passára a noite. Conduzido para o commissariado da 2.ª divisão negou ser o auctor do crime, até ser interrogado em presença dos srs. Silva Cordeiro e Salgado. Confessando então ter praticado o roubo disse para o aspirante que se este não lhe perdoasse que se suicidava. Ninguem fez caso d'isto, aliás muito frequente entre os criminosos, e o Augusto Guilherme de Castro, recolheu ao calaboiço, acompanhado por dois policias.

Na secretaria estavam redigindo o auto que o havia de acompanhar para juizo, quando os empregados foram surprehendidos por grande barulho suscitado nos calaboiços. Correndo todos ao alarme verificou-se que o Castro tentava beber o conteudo d'um pequeno frasco que tirára da algibeira, o que lhe foi impedido pela sentinella, e que depois de examinado se reconheceu ser bromhydrato de morphina. Procurava cumprir o que momentos antes promettera.

Augusto Guilherme de Castro é um rapaz sympathico de maneiras finas e distinctas e traja elegantemente. Foi enviado para o tribunal.

— Lançou-se ao mar um barco a vapor, de systema completamente novo entre nós, destinado a fazer a carreira diaria entre as duas margens do Tejo em Villa Franca. Este utilissimo melhoramento, iniciado pelo sr. conde da Vedigueira, deve ser uma realidade dentro de poucos dias, prestando excellente serviço aos povos d'aquella villa.

— Um collega da manhã publica a seguinte carta, que se refere á fortuna deixada por um criado do paço das Necessidades, que morreu ha dias, repentinamente, como já lhe disse, deixando uma fortuna relativamente consideravel. Eis a carta:

> No dia 7 do corrente falleceu, d'uma apoplexia fulminante, um gallego, que ha 40 annos estava ao serviço da casa real, e foi-lhe encontrada uma fortuna importante para as circumstancias em que sempre viveu, e tão importante que, quando se falla d'ella, se diz, como eu escrevi no alto d'esta folha—*Fortuna e mysterio!*
>
> Effectivamente, informando-me do passado do homem, reconheci que se não póde explicar a fortuna que elle deixou, nem pelos vencimentos que teve durante uma grande parte da sua existencia, nem ainda pela sordidez em que vivia.
>
> O gallego chamava-se João Francisco Rodrigues, era natural da Galliza, freguezia de S. Christoval de Mouranton e veio para Portugal em 1835. Foi aguadeiro do chafariz de S. Pedro em Alcantara, e fazia recados e fretes em serviço do palacio das Necessidades, onde o admittiram como moço extraordinario, vencendo só nos dias uteis.
>
> Em setembro de 1848, quando todos os criados do paço foram servir nos batalhões nacionaes, houve ali falta de gente e João Francisco Rodrigues foi nomeado moço effectivo, no serviço dos candieiros, com 9$000 réis por mez, e em 1854 passou a ganhar 12$000 réis, até que em 1862 foi nomeado moço das luzes com 180$000 réis por anno.
>
> Quatro annos depois, em 1866, quando a rainha D. Izabel de Hespanha esteve em Lisboa, Rodrigues foi ao paço de Belem, onde estava hospedada sua magestade catholica, e pediu para fallar ao sr. marquez de Ficalho, que estava servindo de camarista da nossa augusta hospeda.
>
> O marquez recebeu o homem, que se lhe deitou aos pés, pedindo para que elle alcançasse da rainha Izabel o seu indulto, por isso que era desertor do exercito e desertor em tempo de guerra. Feita a supplica, a rainha immediatamente ordenou ao seu ministro, o general Narvaez, para que desse para Madrid instrucções n'esse sentido, e com effeito, pouco tempo depois, recebeu Rodrigues a sua baixa de serviço *limpa*.
>
> Temos, pois, que Rodrigues fôra soldado, fôra desertor e desertor em tempo de *guerra*.
>
> Temos tambem que Rodrigues era o typo do avaro e do sordido. Vivia miseravelmente e não gastava por dia mais de 150 réis, indo durante muito tempo comer fóra de portas, por uma differença de 20 réis que lhe custava a menos o jantar ali. Não tinha amigos e era muito reservado.
>
> Ha annos foi accommettido d'um insulto apopletico, e n'essa occasião vieram da terra uns sobrinhos. Quando os viu, disse-lhes: —«Olhem que não morro d'esta. Pódem ir-se embora, que ninguem cá os chamou.» E os sobrinhos foram-se com effeito, tão tristes pela recepção que o tio lhes fizera como por effectivamente elle não se resolver a fazer a sua ultima viagem.
>
> Rodrigues já contava que, depois da sua morte, e a sua fortuna havia de surprehender toda a gente, pois muitas vezes dizia: —«Quando eu morrer, os jornaes hão de fallar muito no meu nome! Oh, se hão-de!»
>
> Assim é, porque no seu espolio só em inscripções foram encontrados 37:500$000 réis, além de fundos hespanhoes e grande quantidade de dinheiro, o que tudo foi arrecadado pelo consul de Hespanha.
>
> Parece que Rodrigues tem um irmão na terra, que será o seu herdeiro. Nem os vencimentos, aliás sempre modestos, nem ainda a economia com que viveu sempre, póde justificar a fortuna que se lhe encontrou. Parece-me que tudo fica explicado sabendo-se que elle desertou e desertou em *tempo de guerra*... Por isso é que se diz ao fallar de Rodrigues—Fortuna e mysterio!—Creia-me de v. etc.
>
> *Um candidato a reporter.*

— A Russia vae estabelecer por conta do estado o monopolio do tabaco, tão vantajosa acha a regie.

Y.

SESSÕES PARLAMENTARES

CAMARA DOS PARES

Sessão de 18 de janeiro

Presidencia do sr. João Chrisostomo. Secretarios os srs. Montufar Barreiros e Ressano Garcia. Abertura da sessão á 1 hora e meia da tarde.

Acta approvada.

Foi lido um decreto nomeando os supplentes á presidencia da camara.

Foram apresentadas representações das camaras municipaes de Penafiel e Baião, favoraveis ao contracto da Real Companhia Vinicola do Norte.

O sr. visconde de Carnide offereceu para a bibliotheca da camara um manuscripto de seu pae, relativo a questões agricolas.

Foi presente um pedido de licença do sr. juiz de Anadia para querelar do digno par sr. conde de Gouveia, como administrador da linha ferrea da Beira.

A camara resolveu que esse pedido fosse enviado á commissão de legislação afim d'ella resolver.

Constituiu-se a commissão de verificação de poderes, sob a presidencia do sr. Mexia Salema.

Prestou juramento e tomou assento o novo digno par o rev.mo bispo de Portalegre.

O sr. Simões Margiochi propoz que fosse desdobrada a commissão do commercio e agricultura, ficando dividida em duas commissões denominadas: uma commissão de agricultura, e outra de commercio e industria.

Esta proposta ficou para segunda leitura.

O sr. marquez do Thomar pediu

ao governo que desmentisse o protesto do procurador dos padroadistas de Bombaim.

O sr. ministro dos estrangeiros disse que o governo não tivera conhecimento de tal protesto.

Foi lido na meza um officio do digno par sr. Miguel Osorio, que se acha doente em Coimbra, pedindo ao sr. presidente que désse para ordem do dia o projecto relativo ao convento de Santa Clara de Coimbra.

ORDEM DO DIA

Eleição de um administrador da régie

O sr. Vaz Preto disse que, visto não estar presente o sr. presidente do conselho, era melhor adiar essa eleição, e fez algumas considerações sobre o assumpto.

O sr. conde de Castro repetiu as declarações que já fizera sobre os motivos que o haviam levado a demittir-se do cargo de administrador da *régie*; isto é, que sahira por saber que o sr. ministro da fazenda não affirmava todos os seus actos e por não existir perfeito accordo entre os directores da administração dos tabacos.

O sr. Hintze Ribeiro disse que tendo o sr. conde de Castro sahido, como dissera, da *régie* por motivos de divergencias com o sr. ministro da fazenda, queria saber quaes foram essas divergencias, e disse que se o sr. presidente do conselho lhe não respondesse mandaria um requerimento para a meza pedindo esclarecimentos sobre o assumpto.

O sr. presidente do conselho, que havia chegado momentos antes da camara dos srs. deputados, respondeu que essas divergencias constavam apenas de cartas particulares trocadas entre os srs. ministro da fazenda e conde de Castro.

O sr. marquez de Vallada perguntou por quem fôra substituido o sr. conde de Castro.

O sr. presidente do conselho, interrompendo-o, disse: — «Pelo sr. Oliveira Martins.»

O sr. marquez de Vallada exclamou: «O deputado! o deputado!» — e perguntou: «O sr. Luciano de Castro é amigo d'elle?» O sr. presidente do conselho respondeu: «Ha muitos annos» — ao que o sr. marquez de Vallada retorquiu: «Isso merece outro ponto de admiração» (textual).

Continuando, o sr. marquez de Vallada disse que os jornaes ministeriaes chamavam bandido ao sr. Oliveira Martins e que o governo não podia nomear bandidos para a administraçao da *régie*.

No fim da sessão o sr. Hintze Ribeiro pediu ao governo que respondesse ás perguntas que ha dias lhe foram dirigidas sobre a questão da sellagem de tecidos, e disse desejar a presença do sr. ministro da fazenda na proxima sessão, afim de se tratar do assumpto.

O sr. presidente do conselho respondeu que preveniria o sr. ministro da fazenda para comparecer áquella sessão no caso de poder ser dispensado de assistir á camara dos srs. deputados.

A proxima sessão é na segunda-feira.

—

CAMARA DOS DEPUTADOS

Sessão de 18 de janeiro

Presidencia do sr. Francisco de Barros Coelho de Campos; secretarios os srs. Francisco Medeiros e Alpoim Borges Cabral. Abertura da sessão ás 3 horas da tarda.

Acta approvada.

O sr. Oliveira Mattos apresentou uma representação da camara municipal de Arganil favoravel ao contracto da Companhia Vinicola do Norte.

O sr. Firmino Lopes fallou novamente das violencias commettidas em Vimioso por occasião da eleição da commissão do recenseamento eleitoral.

O sr. Franco Castello Branco perguntou se o governo concordava com o projecto que apresentára na passada sessão legislativa relativo á collegiada de Guimarães.

Desejou saber se o governo tenciona apresentar brevemente á camara o contracto para a Companhia Vinicola do Norte; se renuncia a esse contracto ou se é verdadeira a noticia de que serão introduzidas no contracto certas modificações.

Perguntou tambem se o governo já assignou o contracto para a formação da Companhina Vinicola do Sul, e se na Companhia Vinicola do Centro figuram os srs. visconde de Moser e marquez da Foz.

Pediu por ultimo a publicação do relatorio do sr. Perry relativo á exposição de vinhos portuguezes em Berlim.

O sr. ministro da justiça disse que, quanto á collegiada de Guimarães, tenciona apresentar uma proposta de lei que consigne, em principio, a conservação da collegiada transformada em intituto de ensino.

Quanto ás perguntas sobre as Companhias Vinicolas disse que avisaria o sr. ministro das obras publicas para que elle viesse á camara responder a ellas.

O sr. Franco Castello Branco, agradecendo a resposta do sr. ministro, pediu-lhe que apresentasse em breve a proposta sobre a collegiada.

Tendo entrado na sala o sr. presidente do conselho, o sr. Franco Castello Branco repetiu as perguntas que já fizera sobre as Companhias Vinicolas.

O sr. presidente do conselho disse que o contracto da Companhia Vinicola do Norte tem estado dependente de modificações que o governo projecta introduzir-lhe.

Que o contracto da Companhia do Sul tem tido demora, a fim de que, no seu contracto, sejam applicadas as modificações feitas no da do Norte.

Quanto á Companhia Vinicola do Centro disse que já ha trabalhos incetados para a sua formação, mas que não lhe consta que haja propostas, para essa fundação, dos srs. visconde de Moser e marquez da Foz ou de quaesquer outros individuos.

ORDRM DO DIA

Discussão da resposta ao discurso da corôa

O sr. Julio de Vilhena pediu a interrupção da sessão até que chegasse o sr. ministro dos estrangeiros.

O sr. presidente do conselho disse que o seu collega dos estrangeiros se encontrava na camara dos dignos pares, mas que a sessão podia continuar, pois que o governo estava representado.

O sr. Julio de Vilhena disse que não podia fazer as accusações directas, sobre a politica internacional, que queria dirigir ao sr. ministro dos estrangeiros, encontrando-se elle ausente.

O sr. presidente do conselho disse que ia á camara dos pares substituir o sr. ministro dos estrangeiros, afim de que elle podesse vir para esta camara.

A sessão foi interrompida. Chegando o sr. ministro dos estrangeiros, pouco depois, foi reaberta.

O sr. Julio de Vilhena censurou a politica germanofila do actual gabinete. Pediu explicações sobre as interpretações dadas pela curia romana na execução da concordata sobre o padroado portuguez no Oriente.

Relativamente ao bloqueio africano, para a repressão da escravatura, disse que Portugal vai bloquear-se a si proprio. O governo disse, não se associou a uma acção humanitaria para abolir a escravatura, mas sim a uma especulação politica, a um interesse puramente mercantil, que ingenuamente vai secundar em proveito de duas potencias poderosas; a Allemanha e a Inglaterra.

Como désse a hora, pediu para ficar com a palavra reservada.

No fim da sessão, o sr. Dias Ferreira referiu-se ao encerramento dos estabelecimentos commerciaes da Figueira da Foz, por motivo do excessivo imposto do real de agua com que foram tributados. Pediu informações a esse respeito e perguntou quaes as providencias que o governo adoptara.

O sr. ministro da fazenda disse que não podia dar informações sobre o assumpto, porque o sr. administrador da alfandega, por motivo de doença, não fôra hoje á repartição. Disse que soubera que os negociantes haviam fechado as suas portas, e que, logo que a *gréve* termine, fará o que fôr de justiça.

O sr. Pereira dos Santos tambem se referiu á questão da Figueira da Foz, dizendo que o incidente das avenças não fôra resolvida a tempo.

O sr. ministro da fazenda disse que não tinha tido conhecimento do negocio da Figueira senão agora, sendo, por isso, que não tomou providencias algumas.

A sessão foi depois encerrada, dizendo o sr. presidente que a proxima era ámanhã.

Eram 6 1½ horas da tarde.

—

Sessão de 19 de janeiro

Presidencia do sr. Francisco de Barros Coelho e Campos; secretarios os srs. Francisco Medeiros e Alpoim Borges Cabral. Abertura da sessão ás 3 horas da tarde.

Acta approvada.

O sr. Franco Castello Branco pediu explicações ao sr. ministro da justiça sobre a collegiada de Guimarães.

Foi lido na meza uma representação dos empregados da camara municipal do Porto. pedindo a isenção de direitos de mercê.

O sr. José de Azevedo Castello Branco disse parecer-lhe que não havia na sala numero de deputados para a camara poder funcionar.

O sr. presidente disse que na sala estava numero sufficiente para poder haver discussão.

O sr. Francisco José Machado apresentou um projecto de lei relativo á collegiada de Guimarães, estabelecendo ali o ensino preparatorio para as aulas ecclesiasticas; e disse que se collocava ao lado do seu collega sr. Franco Castello Branco, sempre que este tratasse de conseguir um melhoramento para Guimarães.

O sr. Consiglieri Pedroso referiu-se ao facto de ter sido preso o auctor d'uma revista do anno, e condemnou o procedimento da auctoridade.

Tratou dos manejos jesuiticos, os quaes, segundo disse, obrigaram uma menor a professar no convento de Olivaes.

Referiu-se tambem ao facto do bispo do Funchal haver excommungado um funccionario que casou civilmente.

O sr. ministro da justiça disse que, quanto ao facto de uma menor ter professado no convento de Olivaes, trataria de se informar; e, quanto á excommunhão, mandára informar sobre o negocio a procuradoria geral da corôa, afim de ser ahi tratado.

O sr. ministro da fazenda deu varias explicações sobre os acontecimentos da Figueira da Foz. Disse que os vendedores de vinho d'aquella cidade haviam declarado que não podiam pagar as avenças pelo mesmo preço do anno findo, e que, em vista d'isso, o administrador da alfandega mandára prorogar as avenças pelo tempo preciso. Referiu que a quota tributaria na Figueira era inferior ás de Villa do Conde, Povoa de Varzim e outros terras balneares de menor importancia, e que, por isso, não havia motivo plansivel para serem diminuidas as avenças.

O sr. Consiglieri Pedroso, replicando ao sr. ministro da justiça, tratoa novamente dos casos da menor e da excommunhão, dizendo que o sr. ministro não tinha de consultar a procuradoria geral da corôa para ser cumprida a lei.

O sr. Dias Ferreira disse constar-lhe que as avenças haviam sido prorogadas, na Figueira, só por um dia, ao passo que o sr. ministro da fazenda dissera que foram prorogadas pelo tempo preciso. Deseja saber a verdade a este respeito.

O sr. ministro da fazenda disse que mandaria para a camara todos os documentos relativos á questão da Figueira.

O sr. Luiz José Dias sustentou a independencia do bispo do Funchal e censurou o sr. ministro da justiça por ter interferido na questão da excommunhão.

O sr. Consiglieri Pedroso, pediu a palavra para replicar ao orador precedente, mas o sr. presidente não lh'a concedeu, dizendo que ia passar á ordem do dia. A opposição protestou, levantando-se grande sussurro na sala.

O sr. Franco Castello Branca, que havia pedido a palavra para antes de se encerrar a sessão, pediu para fallar já.

A camara accedeu ao pedido,

O sr. Franco Castello Branco pediu então ao governo que tomasse uma resolução definitiva sobre a questão religiosa. Em seguida leu um telegramma relativo á reunião dos commerciantes do Porto, dizendo que o officio do sr. ministro da fazenda, em resposta ao dos commerciantes, quando foi lido n'aquella reunião, foi acolhido com uma pateada.

Sustentou que o sr. ministro da fazenda não póde continuar no poder, e perguntou se o governo sustenta a sellagem como mandou dizer para o Porto e se officio do sr. Correia de Barros, dizendo que a sellagem não será applicada a fazendas de phantasia, foi autorisado pelo sr. ministro da fazenda. Desejou por ultimo saber qual fôra a nova reclamação enviada ao governo pelos commerciantes do Porto.

O sr. ministro da fazenda pediu a palavra para antes de se encerrar a sessão.

ORDEM DO DIA

Resposta ao discurso da corôa

O sr. Julio de Vilhena principiou refutando a doutrina reaccionaria sustentada pelo sr. Luiz José Dias na questão religiosa, e estranhou que o sr. ministro da justiça não protestasse contra ella.

Rectificou as apreciações de alguns jornaes ao seu discurso da sessão anterior. Analisou detidamente a circular do sr. Barros Gomes relativa ás colonias, e, como désse a hora, pediu para ficar com a palavra reservada.

No fim da sessão, o sr. ministro da fazenda, disse que o telegramma publicado no *Diario de Noticias* era exacto.

Declarou que não admittia intimações e que perguntava se os commerciantes do Porto queriam concorrer para as despezas fiscaes. Que mandára dizer ao sr. governador civil do Porto que tencionava mandar sellar as fazendas similares áquellas que veem de Hespanha por meio de contrabando. Que recebeu hontem um telegramma da commissão de resistencia dos commerciantes portuenses, dizendo que no seu officio não tivera havido intimação.

O sr. Franco Castello Branco perguntou se o officio mandado telegraphicamente pelos commerciantes do Porto instava pela revogação da lei da sellagem.

O sr. ministro da fazenda declarou que não tinha a certeza do que o officio dizia.

Accrescentou julgar que ainda existem meios constitucionaes para resolver a questão da sellagem. Que respondera ao officio dos commerciantes que, visto não ter havido intimação, o governo estava pronto a tratar a questão da sellagem e da fiscalisação e que receberia com agrado qualquer a commissão que viesse a Lisboa para esse fim.

O sr. Franco Castello Branco estranhou que o sr. ministro da fazenda não respondesse logo ás suas perguntas. Censurou-o por ter mostrado que não tinha completa memoria do que o telegramma dos commerciantes dizia. Deseja que o sr. ministro da fazenda traga á camara, na proxima sessão, todos os documentos relativos á questão da sellagem.

O sr. ministro da fazenda estranhou a linguagem do orador para com elle. Disse que trará á camara os documentos, com excepção, porém, da carta que mandou ao sr. governador civil do Porto, porque não ficou com copia d'ella. Declarou que respeita os commerciantes do Porto, mas quer que respeitem os seus direitos como ministro. Nunca cederá a pateadas nem a manifestações identicas.

A sessão foi encerrada cerca das 7 horas da tarde.

A proxima é segunda-feira.

SECÇÃO AGRICOLA

ESCOLHA E CONSERVAÇÃO DOS BACELLOS

Diz Mr. Foëx que os ramos da vinha, ainda barbaceos, enraizam mais facilmente que os bem atempados; todavia o uso dos sarmentos, n'estas condições, não é frequente na pratica, nem nos parece que o posoa ser, visto haver necessidade de estufas ou abrigos, com terreno devidamente preparado, para garantir o seu enraizamento. Portanto, o processo geral e mais pratico de multiplicação da vinha, deve ser a plantação de bacellos bem atempados; e, para se conseguir d'este antigo processo de multiplicação toda a vantagem, é preciso escolher os bacellos nas varas do anno, depois da queda total das folhas, tendo o maior cuidado em evitar o aproveitamento dos bacellos de vinhas atacadas do *mildiú*, da *anthracnose* ou do *oidinm*, por serem mais fracas, e levarem comsigo os germens d'estas doenças, que seriam transmittidas logo á nova bacellada.

Tem-se observado que os bacellos com desenvolvimento medio, de nós pouco desviados, cortudos na parte media das varas, são os que offerecem maiores garantias de successo e dão origem a cepas mais fructiferas e mais promptamente ferteis.

Os bacellos grossos, que viticultores menos experientes procuram de preferencia, enraizam peior e criam cepas com tendencia a produzir mais varas que fructos; emquanto que os mais delgados, da extremidade das varas, correm risco de seccar antes da emissão das raizes, e, sendo mal atempados, dão sempre origem a cepas pouco vigorosas.

Quando se trata da multiplicação de productores directos, é condicção essencial a escolha dos bacellos d'entre as cepas mais ferteis, que desavinham menos e que produziram mais e melhores fructos nos annos anteriores.

Ha viticultores cuidadosos, que chegam a fazer ensaios gleucometricos com as uvas das differentes varas, a fim de propagarem sómente os bacellos d'aquellas cujos fructos attingem um certo grau de perfeição. E assim é que se chega a fazer uma conveniente selecção dos caracteres especiaes da mesma variedade, caracteres que são transmittidos e fixados nas novas bacelladas, com o fim de se obter um augmento consideravel na quantidade e qualidade da producção.

Estes cuidados são applicaveis tanto aos bacellos indigenas como aos productores directos americanos. Com relação aos porta-enxertos resistentes deve attender-se principalmente ás regras acima expostas no sentido de crear cepas vigorosas.

Os bacellos colhidos da vinha, á medida que a plantação o exige, são os melhores; porém, como nem sempre se póde adoptar esta pratica, principalmente para as vinhas americanas, que ordinariamente tem de vir de maiores distancias, é necessario adoptar precauções que garantam a sua conservação.

Estas precauções visam a não deixar seccar os bacellos, nem pôl-os em condições de absorverem mais agua do que a que contem normalmente; — no primeiro caso, os bacellos inutilisam-se, morrem, por terem perdido a sua agua de vegetação; no segundo, o excesso d'agua determina, umas vezes, quando a temperatura é favoravel, o desenvolvimento antecipado dos olhos ou botões, outras vezes, a fermentação das substancias que serviram á embalagem e o apodrecimento dos bacellos e sempre a apparição de bolores que alteram os tecidos.

A embalagem dos bacelloo em terra quasi secca, contendo apenas 10 por 100 d'humidade, mettida em caixas bem fechadas, forradas internamente de chumbo ou de papel oleado, realisa todas as condições exigiveis.

Quando os bacellos não tem a percorrer grandes distancias, o melhor meio de os acondicionar é mettel-os em palha, envolvendo as extremidades com musgo ligeiramente humedecido.

Para expedições mais demoradas, cada pacote de bacellos deve ser envolvido em musgo ou feno apenas humedecido, tendo externamente uma camada de palha secca, e as caixas bem fechadas e revestidas internamente com papel oleado.

A' chegada, os bacellos, antes de serem plantados, devem pôr-se em agua durante um ou dois dias, ou, o que é melhor, conserval-os em areia muito ligeiramente humedecida.

Quando ha necessidade de os guardar algum tempo antes de serem plantados, o melhor meio de lhes conservar toda a sua vitalidade, consiste em os enterrar n'um monte d'aria, em logar fresco e escuro. Se os bacellos são plantados pouco tempo depois de serem colhidos, bastará tel-os mergulhados em agua pela parte mais grossa até alguns centimetros de altura.

Não nos parece fóra de proposito dar estas informações aos nossos leitores, agora que é tempo de fazer novas plantações de vinhas, e se tracta activamente de propagar as cepas americanas, cujas remessas nem sempre chegam ao seu destino em conveniente estado de conservação, por falta dos cuidados necessarios.

R.

SECÇÃO LITTERARIA

A NOIVA DO KINAST

Esta lenda é extrahida da «Mithologia do Rheno», illustrada por Gustavo Doré e devido á penna de X. S. Saintine.

Perdendo a esperança de dominar os homens pela inspiração prophetica, as mulheres, um bello dia, mudando repentinamente de tactica, de costumes, de genios, de sexo quasi (com pezar o digo!) affectaram as maneiras trubulentas e soldadescas de seus irmãos e seus maridos; gostavam só dos exercicios violentos, da lucta e mesmo da guerra. Foi o tempo das mulheres «mata-mouros», das «mulheres fortes», emfim.

Ninguem podia aspirar á mão das donzellas senão por proezas perigosas, por tentativas impossiveis. E n'esse numero contou-se a celebre noiva do Kinast.

Esta possuia nos seus dominios uma velha torre em ruinas, situada no cimo d'um rochedo escarpado, perpendicular, quasi a prumo, e rodeiado d'um abysmo por todos os lados.

Rica, joven e bella, requestada por uma multidão de pretendentes, para os conter em respeito não reflectiu um unico instante, á semelhança de Penelope, em algum bordado a fazer ou a desfazer; ella não bordava, e não somente despresava mas até se desgostava com qualquer trabalho que dissesse respeito a mulheres.

Declarou aos seus pretendentes que era a noiva do Kinast (tal era o nome da velha torre), e que aquelle que aspirasse á honra de ser seu esposo, devia primeiramente disputal-a á torre.

Para isso, tratava-se simplesmente de escalar o rochedo e a torre; e chegado ás ameias, era necessario percorrel-as em toda a sua circumferencia, não a pé e auxiliando-se com os braços, joelhos, mãos e unhas, mas a cavallo, sem outro auxilio que as redeas.

O enxame dos pretendentes bateu as azas e desappareceu como por encanto, á excepção de dois. Eram dois irmãos, tornados insensatos, á força de amar a joven castellã.

Depois de ter tirado a sorte, o primeiro tentou a ascensão; a principio foi bem succedido. Mas apenas attingiu o ameiado cimo do velho edificio, antes mesmo que o seu fiel corsel tivesse podido ir mais além, teve uma vertigem, e cahiu no abysmo.

O segundo, quando lhe chegou a vez, escalou o rochedo com successo, e, chegou mesmo, cousa maravilhosa! a franquear algumas ameias; mas immediatamente o cavallo sentindo que as pedras rolavam atraz de si, e que a torre vacillava sobre o seu peso, recusou-se a ir mais longe. Recuar, voltar-se, era impossivel.

O cavalleiro, resolvido a continuar a aventura, sofreava o cavallo, excitava-o com a voz e com as esporas; o pobre animal permanecia immovel, como se estivesse encaixado, incrustado n'aquellas fiadas de pedras.

De repente, cavallo e cavalleiro desappareceram; o abysmo recebeu-os ensanguentados e disformes.

A noiva do Kinast não podia disfarçar o seu orgulho e a sua alegria ao receber as felicitações das outras castellãs, suas visinhas, que todas se promettiam ter uma Kinast, ou um outro laço equivalente, para uso dos seus namorados.

Ninguem mais se apresentava para conquistar aquella mão tão bem defendida pela morte. A castellã sentia uma tal ou qual humilhação. Dois homens sacrificados á sua belleza, aquillo não lhe bastava; assim estava ella triste e de mau humor, quando finalmente um terceiro aspirante se apresentou, pedindo para se sugeitar á esperiencia.

Ella não o conhecia, o que lhe causou espanto; como teria elle podido enamorar-se da sua belleza? Sem duvida por a ter visto á janella, ou em alguma cerimonia principesca. Mas que tinha ella a temer accedendo áquelle pedido? Era mais um a accrescentar á lista dos seus mortos; eis tudo. N'aquella época as mulheres tinham-se tornado ferozes.

*

Um nevoeiro de outomno, que devia tornar-se cada vez mais espesso durante alguns dias, envolvia então o Kinast de alto a baixo, e tornava o seu accesso impraticavel.

Segundo as leis da hospitalidade mais vulgar, a castellã foi, pois, obrigada a hospedar o recem-chegado.

Este era bello, elegante, de phisionomia audaz e intelligente; as suas mãos brancas, finas e d'uma grande distincção, accusavam sufficientemente a nobreza; o seu sequito numeroso attestava por demais a sua classe e a sua fortuna; mas o que elle possuia de mais precioso, era uma perfeita modestia. Havia tres dias que passava a maior parte do tempo junto da castellã, e ainda não tinha ousado fallar-lhe em amor; dentro em pouco ella experimentou pelo seu hospede um sentimento, que até então lhe era desconhecido:

Quando o nevoeiro desappareceu e deixou o Kinast a descoberto, a castellã esteve quasi a declarar ao seu hospede que o dispensava da experiencia; mas que diriam as castellãs, suas visinhas e amigas?

Chegado o momento a noiva do Kinast, sentindo-se desfallecer, encerra-se no seu quarto, chora, lamenta-se, e, ainda que a prece não estaja nos seus habitos, pede a Deus, que faça um milagre em favor do seu cavalleiro. Comtudo, a castellã crê pouco n'esse milagre, porque, tendo-se levantado um grando sussurro entre os espectadores d'aquella arrojada ascensão, ella desmaia, julgando que o cavallo e cavalleiro já estão mergulhados no abysmo. Gritos de alegria e triumpho vão despertal-a. O cavalleiro sahiu vencedor. Cheia de surpreza, vae-lhe ao encontro, e, tão grande é a sua perturbação, e tão ardente o seu amor, que sem mesmo reparar que todos os olhares estão fixos em si, lhe grita:

«A minha mão pertence-vos!»

Mas elle, endireitando-se, com aspecto carrancudo e altivo, respondelhe com um sorriso de despreso:

«A vossa mão, por acaso já vol-a pedi? Vim aqui unicamente para vingar meus dois irmãos, mortos por vossa causa, e consegui o meu intento, porquem eu não vos amo, e vós amaesme! Pois bem! agora morrei com o vosso amor, senão fôr com a vossa vergonha!... Adeus! volto para junto de Margarida, minha amiga, minha esposa!»

N'aquella mesma tarde, a desgraçada fez-se içar para a velha torre, d'onde queria, dizia ella, contemplar o sol poente, porém, antes que este tivesse desapparecido completamente no horisonte, a infeliz tinha ido juntar-se ás suas duas victimas.

E foi assim que o Kinast possuiu a sua noiva.

PARTE OFFICIAL

SYNOPSE DO *DIARIO DO GOVERNO*

Diario de 17

Annuncios para contratar um compositor, um impressor e um livreiro para a imprensa do governo geral de Angola.

Relação dos europeus fallecidos em Macau e Timor no terceiro trimestre de 1887.

Nota da liquidação do imposto do real d'agua, referida ao mez de novembro de 1888.

Relação dos portuguezes fallecidos na área do consulado do Pará, referida ao mez de abril de 1888.

Diario de 19

Concessão de mercês honorificas.

Varios despachos administrativos.

Boletim de sanidade maritima declarando limpo da epidemia do colera o archipelago Filippino.

Relação dos europeus fallecidos em Angola, no primeiro trimestre de 1888.

81

FOLHETIM

WALTER SCOTT

—

IVANHOÉ

OU

O REGRESSO DO CRUZADO

— Ponde a minha innocencia na balança, diz Rebecca com firmeza, e a luva de seda pezará mais do que a manopla de ferro.

— Presistes em não confessares os teus crimes, e no teu desafio audaz?

— Sim, nobre senhor, presisto.

— Pois bem, faça-se o que requeres, e a sentença de Deus prove qual é a boa causa!

— *Amen!* responderam os commendadores postos ao lado do grão-mestre. *Amen!* repetiram os cavalleiros, assim como toda a assembléa.

— Meus irmãos, diz Beaumanoir, sabeis que nós podiamos recusar a esta mulher a prova do combate; mas, se bem que ella é judia e feiticeira, é uma estrangeira indefeza, e reclama o beneficio das nossas leis protectoras; não permitta Deus que nós lh'o recusemos! Além de que, se sômos votados ao estado religioso, não sômos, por isso, menos cavalleiros e soldados, e envergonhar-nos-hiamos de recusarmos o combate, debaixo de qualquer pretexto que fosse. Eis aqui, meus irmãos, o estado do negocio: Rebecca, filha d'Isaac d'York, judia de religião, accusada, por um grande numero de circumstancias mais do que suspeitas, de ter empregado feitiços contra a pessoa d'um nobre cavalleiro da nossa sagrada ordem, pede o combate para provar a sua innocencia. A quem julgais que devâmos entregar o penhor da batalha, nomeando-o nosso campeão?

— A Brian de Bois-Guilbert, diz o commendador Goodalricke. É elle a quem este negocio toca particularmente, e melhor do que ninguem lhe conhece a justiça.

— Mas se o nosso Brian está debaixo da influencia d'um feitiço! Não fallâmos assim senão por prudencia, pois que não existe em toda a ordem um braço, em que confiassemos de melhor grado a defeza da sua honra.

— Reverendo grão-mestre, replicou Goodalricke, sabeis que nenhuma feitiçaria póde accommetter o campeão que se apresenta no combate por um juizo de Deus.

— É verdade, diz Beaumanoir. Alberto Malvoisin, entregai a Brian de Bois-Guilbert o penhor de batalha. Irmão, diz elle a este ultimo, nós vos recommendâmos de combater com coragem, e de não duvidar do triumpho da boa causa. Rebecca, concedemos-te trez dias, contando com este, para achar um campeão.

— O prazo é bastante curto. disse ella, para que uma estrangeira, uma mulher d'uma religião differente da vossa, possa esperar encontrar um homem que queira arriscar por ella a sua vida e honra.

— Não podêmos prolongal-o, replicou o grão-mestre. O combate deve ter logar na nossa presença, e poderosos motivos nos chamam a outro logar no quarto dia.

— Seja feita a vontade de Deus, diz Rebecca. Eu ponho toda a minha confiança em quem póde mais n'um instante, do que o homem em toda a eternidade.

— Bem dito, diz Beaumanoir, mas sabemos quem póde tomar as apparencias d'um anjo de luz. Só resta fixar o sitio do combate e o da execução, se tiver logar. Onde está o commendador Malvoisin.

Malvoisin, tendo ainda a luva de Rebecca, estava perto de Bois-Guilbert e fallava-lhe em voz baixa com um ar animado.

— Recusaria elle o penhor da batalha? perguntou o grão-mestre com um tom severo.

— Não, reverendo grão-mestre, respondeu Malvoisin occultando a luva debaixo do seu manto, acceita-o. Quanto ao logar do combate, propôr-vos-hia o campo de S. Jorge, dependente d'esta commendadoria, onde fazemos os nossos exercicios militares.

— Muito bem, diz o grão-mestre. Rebecca, é n'este campo fechado que deverás apresentar o teu campeão, e se acaso elle não fôr vencedor, ou se não apresentar ninguem para combater por ti, morrerás morte reservada ás feiticeiras, pois tal é a nossa sentença. Esta sentença deve ser consignada nos nossos registros, e lida publicamente para que ninguem se chame á ignorancia.

Um dos capellães, que preenchiam as funcções de escrivães, escreveu a sentença n'um enorme registro in-folio, que servia para transcrever os actos do capitulo do templo, e, assim que acabou, o outro leu a leitura em voz alta e intelligivel.

— Rebecca, judia, filha d'Isaac d'York, convencida de feitiçaria, de seducção e outros factos criminosos praticados contra um cavalleiro da sagrada ordem do templo de Sião, nega aquillo de que é accusada, e pertende que as testemunhas contra ella são falsas, perfidas e desleaes. Como incapaz de combater por si mesma offerece sustentar o seu dizer com um gentil-homem, que fará o seu dever de leal cavalleiro, e combaterá com as armas d'uso a seus riscos e perigos; por isso, deu um penhor, que foi entregue ao nobre cavalleiro Brian de Bois-Guilbert, da santa ordem do templo de Sião. O dito Bois Guilbert foi escolhido para defender a sua ordem, e defender-se a si mesmo, contra os ultrages, praticas e denegações da accusada. O muito reverendo padre e poderoso senhor, marquez de Beaumanoir, tendo permittido o dito desafio e admittido o dito *ezoine* da appellante, assignou o terceiro dia para o combate na liça de São-Jorge, perto da commendadoria de Templestowe. O grão-mestre notifica a appellante a comparecer n'este logar na pessoa do seu campeão, sob pena de ser entregue ao supplicio das accusadas convencidas de seducção e de feitiçaria; e igualmente o defensor, sob pena de ser declarado cobarde por falta de comparecimento.

— O nobre senhor e reverendo padre ordena que o combate tenha logar na sua presença: Deus assista á boa causa!

— *Amen!* disse o grão-mestre; *amen!* respondeu toda a assembléa. Rebecca guardou silencio, levantou os olhos ao céu, cruzou os braços sobre o peito, ficou um instante n'esta attitude e logo, dirigindo-se ao grão-mestre, disse-lhe que lhe deviam permittir communicar com os seus amigos, para os instruir da situação em em que ella se achava, afim de lhe procurarem um campeão para defender a sua causa.

— Seu pedido é justo, respondeu Beaumanoir: escolhe o mensageiro que quizeres, que terá livre communicação comtigo no quarto que te serve de prisão.

— Ha aqui alguem, diz Rebecca voltando-se para o auditorio, que, por amor da justiça, ou esperança de grande recompensa, queira fazer um serviço a uma rapariga tão innocente como desgraçada?

Ninguem respondeu. Ninguem ousava, na presença do grão-mestre, mostrar o menor interesse por uma judia que elle acabava de condemnar como feiticeira, com medo de se tornar suspeito de favorecer o judaismo, ou a feitiçaria. Nem a cobiça d'uma recompensa nem, muito menos ainda, um sentimento de compaixão, poderam vencer este temor.

Rebecca ficou alguns instantes n'um estado d'inquietação que seria impossivel descrever.

— E possivel! exclamou ella, é na Inglaterra que eu me acho privada da fraca esperança de salvação que me resta, por falta d'um acto de caridade que se não recusaria ao ultimo dos criminosos!

— Eu não posso marchar senão com moletas, diz Higg, filho de Snell; mas se acaso mecho as pernas a vós o devo, e farei a vossa commissão tão bem como me fôr possivel. Prouvéra a Deus que os meus pés podessem corrigir a falta da minha lingua! Ah! quando eu tive a desgraça de louvar a vossa caridade nunca julgaria que vos punha em perigo!

— Deus dispõe de tudo, disse Rebecca: entre as suas mãos, o mais fraco instrumento póde quebrar os ferros do captiveiro de Judá. Para levar as suas mensagens o caracol é um correio tão seguro como a aguia.

Escreveu depois á pressa algumas palavras em Hebreu n'um boccado de pergaminho, que um dos capellães lhe deu por ordem do grão-mestre.

— Procura Isaac d'York, disse ella a Higg, entrega-lhe este bilhete. Eis aqui para alugar um cavallo e pagar as tuas despezas. Não sei se é do céu que me vem este presentimento, mas espero não morrer da morte que me destinam. Deus me suscitará um defensor. Adeus, lembra-te que a minha vida depende da tua diligencia.

Bastantes espectadores procuraram determinar, Higg a não tocar n'um bilhete escripto com lettras cabalisticas; mas elle estava bem resolvido a fazer este serviço á sua bemfeitora.

— Ella curou-me o corpo, lhes disse elle, e estou certo que não ha de querer pôr a minha alma em perigo.

Sahiu immediatamente de Templestowe.

— Pedirei emprestado o cavallo do meu visinho Butham, pensou elle tomando o caminho da sua aldeia, e com uma tal cavalgadura, e a graça de Deus bem depressa estarei em York.

Por um feliz acaso não teve necessidade de ir tão longe. A um quarto de milha de distancia da commendadoria, viu dous homens a cavallo que pelos seus barretes amarellos reconheceu por judeus. Quando se chegoa mais perto viu que um d'elles era Isaac d'York, e o outro o rabbino Ben-Samuel. Andavam á roda da commendadoria sem ousar entrar n'ella, tendo sabido que o grão-mestre estava fazendo lá o processo d'uma feiticeira,

— Irmão Ben-Samuel, disse Isaac, minha alma está inquieta e não sem razão. Esta accusação de feitiçaria é um dos pretextos de que muitas vezes se lança mão para nos perseguirem.

— Tranquillizai-vos, irmão, respondeu Nathan; sois bastante rico para não temerdes os nazarenos. É um pouco mais, ou menos, de dinheiro que vos custará. O dinheiro ha de ter sobre elles o mesmo poder que o annel de Salomão tinha sobre os máus espiritos. Mas quem é aquelle pobre diabo, que se endireita para nós ajudado com as suas moletas? Elle parece querer-nos fallar.

— Amigo, disse elle a Higg tens necessidade dos soccorros da minha arte? se a tens não t'os recuso, mas não darei jámais um chavo a um homem que mendiga na estrada. Estás alleijado das pernas? Então não podes ser nem correio, nem soldado, nem pastor; mas pareces ter bons braços, e ha outros officios em que te poderias... Que é isso! irmão que tendes?

Durante este colloquio Isaac tinha tomado o bilhete que Higg lhe havia apresentado; e, assim que lhe lançou os olhos mudou de côr, soltou um profundo gemido e cahiu do cavallo abaixo, onde ficou alguns instantes privado dos sentidos.

O rabbino, assustado apeou-se, e applicou ao seu companheiro todos os remedios, que a sua arte lhe suggeria. Tinha mesmo tirado da algibeira uma ventosa, e ia administral-a a Isaac, quando este recobrou de repente os sentidos, mas foi para lançar o seu barrete longe de si, e agarrar n'uma mão cheia de terra que lançou sobre as suas cans.

(Continua.)

CORREIO DE LISBOA

22 DE JANEIRO DE 1889.

A questão que agitou a opinião publica da capital n'estes ultimos dias foi a dos commerciantes do Porto, que aqui vieram, em triste romaria, para darem de si a mais triste ideia que pode imaginar-se. Como homens serios e graves, como devemos reputar alguns dos que aqui vieram, se prestam asism a um ridiculo tão lamentavel, é o que custa a crêr! Como essa pobre gente imaginou *que mettia medo* aos poderes publicos, que teriam de render-se á sua voz *potente*, muito ê para fazer rir.

O Porto deve convencer-se de que é forte quando pleiteiar por causas justas; que é fraquissimo quando se desviar da verdadeira senda da moderação e da ordem. A causa porque agora pleiteiam é má. O paiz vê atraz dos seus esforços o combate pelos proprios interesses—pelos interesses que nem todos reputam puros. Mas o Porto, sejamos justos, não é essa porção de allucinados que na sua ultima reunião na Bolsa preromperam nos mais condemnaveis desatinos. Os poderes publicos foram ali gravemente desattendidos, e foi-o até o imperante. Nunca se viu orgia mais completa n'um centro que devia ser respeitavel. O Porto serio, grave, ordeiro—o Porto que todos respeitam não estava ali: esse estava ao lado dos poderes publicos, condemnando o que se passava em pleno descredito d'uma cidade honrada.

Os que aqui vieram retiraram-se já e devém ter contado aos seus cumplices o modo por aqui foram recebidos. Instrumentos punicos d'uma politica detestavel, d'uma politica obnoxia receberam dos poderes publicos o tratamento que mereciam—a mais completa desattenção. Está vingado por este modo o Porto serio e grave, o Porto que não é isso que aqui mandaram no desempenho d'uma commissão a que nem todos se prestavam. Instrumentos segos d'uma politica condemnada levam para ahi o merecido castigo das suas peccaminosas intenções. E' caso para dar os parabens ao Porto honesto, decente e patriotico—ao Porto limpo.

— A commissão portuense, composta de diversos commerciantes, na maior parte de vinhos, foi recebida hontem por El-rei, cerca das duas horas da tarde. Assistiu á recepção, como é da praxe, o sr. presidente do conselho. A resposta de El-rei foi textualmente a seguinte:

> «Recebo a representação, que a commissão do Porto me apresentou, e creiam que recommendarei ao meu governo que, mantendo o principio da auctoridade, procure resolver a questão pelo modo mais conveniente para o paiz e para o thesouro.»

A commissão esperou pelo sr. presidente do conselho, no grande salão de entrada do paço e perguntou-lhe qual era a resposta que o governo dava á representação que tinham entregado a El-rei. O sr. presidente do conselho respondeu:

> «Que, em quanto os commerciantes se mantivessem na situação anormal e inconstitucional em que se tinham collocado, a resposta do governo a qualquer reclamação ou protesto, seria *não, não e não*; e que tinha toda a força necessaria para fazer respeitar o decoro e a dignidade dos poderes publicos.»

O sr. Romariz atalhou, indelicadamente, como costuma, dizendo:

> «Que não perguntavam se o governo estava fraco ou forte; e sim se o governo revogava o decreto do sellagem e o contracto da Companhia Vinicola.»

O sr. presidente do conselho replicou como devia:

> «Que a sua resposta estava dada: *não, não e não*. Nem admittia discussões sobre taes assumptos, em quanto os commerciantes se conservassem no campo das intimações e comminações ultrajantes.»

Alguns membros da commissão mostram-se mais conciliadores. O sr. Andresen é quem principalmente incita ás resoluções disparatadas, e que são alvo de geraes censuras. Os proprios regeneradores acham que a questão foi por elles posta n'um campo deploravel e em que o governo tem por si toda a razão e toda a força.

A commissão retirou-se do paço, depois de mais de hora e meia de conferencia com o sr. conselheiro José Luciano de Castro, o qual não saiu dos termos da sua primeira resposta.

> «Que não tinha que discutir, nem admittia transacções ou accordos de nenhuma especie, em quanto os commerciantes se mantivessem na attitude anormal e incorrecta das intimações, das comminações e das ameaças de arruaça.»

A ideia de se reenviar para Lisboa o coração de D. Pedro IV, a pretensão de que o ministro da fazenda vá discutir ao pateo da Associação Commercial e outros desatinos que ali se teem proferido, são alvo da troça de uns, da indignação de outros e das censuras geraes. Toda a gente lastima que o commercio sério e digno de uma praça tão illustre, como o Porto, seja victima dos incitamentos de meia duzia de cabeças esquentadas, de alguns temperamentos caprichosos e arrebatados e das machinações dos pescadores de aguas turvas—da opposição em fim.

— Na camara dos deputados, o sr. presidente do conselho, respondendo ao sr. Lopo Vaz, declarou, do modo mais formal, que o governo só tinha a dar uma resposta negativa ás representações exigindo a revogação da sellagem e annullação do contracto da Companhia Vinicola, emquanto os commerciantes se mantivessem na attitude anormal, em que se collocaram. Não podia haver discussões e transacções, em face de intimações e comminações que eram indecorosas para o governo. Que este de sobejo tinha mostrado desejos de conciliar tudo, pois que ainda no ultimo officio do sr. ministro da fazenda, desviando dignamente mas delicadamente a intimação para revogar a sellagem dentro de oito dias, o governo se mostrava disposto a discutir, e por tanto a transigir. Que esta condescendencia e delicadeza do governo fôra recebida com pateada e com a pretensão insolita de que fosse o sr. ministro da fazenda discutir á Associação Commercial, porque tão longe era do Porto a Lisboa como de Lisboa ao Porto. Que isto, e o mais que se seguira, obrigavam o governo, primeiro que tudo, a manter o seu decoro e a dignidade do poder. Que até agora, porém, a ordem não fôra alterada, e que esperava do bom senso dos habitantes do Porto que assim succederia até o fim, não dando ouvidos a agitadores.

O sr. Lopo Vaz, replicando, pretendeu especular com o qualificativo *indecorosos*, dizendo que o presidente do conselho tinha insultado o Porto; que o governo não se podia louvar de estar tudo em socego, porque a agitação era grande, embora ainda os soldados não tivessem assassinado o povo.

O sr. presidente do conselho replicou energicamente. Fez o elogio do Porto e do seu commercio; disse que ali passára alguns dos melhores annos da sua mocidade, começando ali a sua carreira publica. Devia muitas deferencias pessoaes aos commerciantes do Porto, e devia-lhes grandes serviços o partido progressista, que ali tinha sempre encontrado valioso appoio. Por tudo isso, disse que nunca podia ser intenção sua offender o commercio portuense, que muito respeitava, com qualquer epitheto descortez ou injurioso. Qualificara as intimações e as comminações como indecorosas, não para os commerciantes, mas para o governo. O decoro do governo e a dignidade dos poderes publicos ficariam effectivamente de rastos, se o governo as acceitasse. O procedimento dos commerciantes limitara-se a qualifical-o de anormal e incorrecto. Protestou calorosamente contra a qualificação de *assassinos* dada pelo sr. Lopo Vaz aos officiaes e soldados portuguezes. Os representantes da força publica, ainda quando teem de recorrer a meios extremos para manter a ordem, nunca são assassinos. E' uma injuria gratuita. No tempo do sr. Fontes e sendo o sr. Lopo Vaz ministro, alguns conflictos houve, com morte de populares; e a opposição d'esse tempo, fosse qual fosse o modo como encarou politicamente esses acontecimentos, não chamou assassinos aos agentes da força publica. Para elle, orador, é altamente doloroso este conflicto, por causa das muitas sympathias que como homem e como politico tem pelo commercio do Porto; mas acima de tudo estava o seu indeclinavel dever de fazer respeitar a dignidade do poder. Chorava-lhe o coração mas o seu dever para com o paiz, para com a corôa e para com o seu partido, era esse. Nem podia acceitar para si uma tal situação nem deixal-a ficar como um lastimoso precedente de falta de decoro e de dignidade no governo. Por isso havia de fazer manter esse respeito e essa dignidade a todo o tranze sem que por isso merecessem o epitheto de assassinos os agentes da força publica.

O sr. Lopo Vaz, pedindo a palavra para explicações, declarou que não foi sua intenção chamar assassinos aos membros do exercito. Fallou em assassinar, talvez com menos propriedade, mas como synonimo de matar e sem apreciar a irresponsabilidade profissional ou de obediencia, que pode caracterisar esse acto da força publica. Insiste em querer intrigar o presidente do conselho, dizendo que chamou indecoroso e descortez ao commercio portuense, mas a maioria protesta calorosamente e o incidente fecha-se por esta sessão.

A opposição tinha preparado para hontem, na camara dos deputados, grandes scenas de tumulto, mas a referencia ao principio da auctoridade, que se encontra na resposta de El-rei á commissão, e a primeira das declarações do presidente do conselho foram um calmante energico. Comprehendeu que por este lado não fará brecha e que o governo tem toda a força precisa para dominar os acontecimentos. Os mais prudentes aconselham uma retirada airosa, para evitar eventualidades desagradaveis, que podem ser funestas para a opposição.

— A imprensa d'aqui, a imprensa progressista e o proprio *Dia* estão ao lado do governo na questão do Porto—que é a questão d'ordem publica, que é a questão do principio da auctoridade que a todos importa fazer respeitar. O *Dia* termina o seu artigo de hoje com o seguinte fecho:

> «N'esta questão, pois, os adversarios occasionaes do governo pozeram do lado d'elle a justiça, a legalidade, a força moral; e se o governo, em taes companhias, houvesse fraquejado, ter-se-ia coberto de vilipendio e proclamado a anarchia. A sua firmeza é benemerita.»

O *Dia* diz simplesmente a verdade. E' preciso que o Porto se convença de que não póde dar leis ao paiz, de que a causa de uma dada porsão de negociantes, que só miram aos seus interesses pessoaes, não póde ser a causa da Nação—costumada a ver na grande cidade apenas a enorme sanguesuga das forças productoras do paiz. O Porto é uma terra mais populosa que outras, mas não póde continuar a ser a consumidora da maior porção dos nossos haveres—a determinadora do nosso regimen politico. Viva bem, mas viva sem se impôr, e fará a si propria bom serviço.

— Tanto o movimento portuense foi politico que chegaram aqui de reforço á opposição parlamentar os srs. José Guilherme Pacheco, e Guilherme d'Abreu. Foram infelizes e sel-o-hão sempre que nutrirem esperanças de fazer cair o governo por meio d'artificios condemnaveis. O governo está forte e por emquanto é inhabalavel a situação actual, e ainda bem que assim é.

— A associação commercial de Lisboa e o commercio que ella representa acceita francamente o principio da sellagem, e condemna sem rebuço o procedimento do commercio do Porto. A'manhã reune a assembleia geral, para resolver definitivamente sobre o assumpto que se debate.

— A'manhã ha sessão em ambas as camaras e espera-se que a questão se levante ali de novo. Parece que a Esquerda dynastica votará pela manutenção do principio da auctoridade e da ordem.

— Diz-se que a opposição tornará a levantar, na camara dos deputados, a questão das obras do porto de Lisboa, a proposito do processo Hersent. E' a tentativa da agitação por todos os modos e formas. Trabalho inutil e condemnavel certamente.

— A commissão executiva da junta geral do districto de Coimbra, em virtude dos poderes que lhe foram conferidos pela junta geral, resolveu, em 15 do corrente, passar procuração ao deputado por Coimbra o sr. desembargador Francisco de Castro Mattoso Corte-Real para em nome da mesma junta contractar com o governo os termos e condições em que deve ser feita a transferencia do edificio da Penitenciaria, realisar a mesma transferencia e praticar tudo o que fôr necessario para este contracto surtir os seus effeitos legaes.

— O sr. infante D. Augusto continua melhorando. Sua alteza já se levantou ante-hontem.

— O sr. conselheiro Emygdio Navarro já hontem saiu.

— Recrudesceram os padecimentos do sr. deputado João Arroyo.

— Foi hoje dia santo em Lisboa—dia de S. Vicente, e por isso nem houve camaras, nem repartições, nem jornaes.

Y.

ANNUNCIOS E PUBLICAÇÕES LITTERARIAS

ARREMATAÇÃO

PELO juizo de direito da comarca d'Aveiro, e cartorio do escrivão abaixo assignado, vae á praça no dia 27 do corrente, por 11 horas da manhã, no tribunal judicial o predio seguinte, pertencente ao cazal de Maria Roza, moradora que foi no Valle d'Ilhavo de Baixo: O dominio util d'um prazo foreiro á confraria do Santissimo e Almas, d'Ilhavo, a quem paga o fôro annual de 116 litros de trigo, e compõe-se d'uma azenha de moer pão, com cazas d'habitação adjunta a um bocado de terreno lavradio e um pequeno pousio e quintal, com arvores de fructo, no valor de 2:800$000 reis.

Pelo presente ficam citados quaesquer credores do cazal, para assistirem á arrematação, querendo.

Aveiro, 18 de janeiro de 1889.

O escrivão interino
Antonio Dias da Silva.

Verifiquei—*A. Cortesão.*

ANNUNCIO

VENDE-SE no dia 27 do corrente mez de janeiro, em hasta publica, que começará ás 10 horas da manhã, uma casa de um andar, sita na rua de S. Roque, de esta cidade, e pertencente a Luiza Roza Ferreira da Cruz.

PEDREIROS

Precisam-se nas obras da Matta do Bussaco.

O Administrador,
Ernesto Lacerda.

CAZA PARA ALUGAR

NA rua de Castro Mattoso, em frente do chafariz do Caes, aluga-se uma boa caza para familia e para negocio, pois que já ali esteve um botequim muito concorrido. Quem a pretender póde fallar com seu dono, Luiz Gonçalves Moreira, que vive na Barra, ou com o sr. José Pereira Junior, na rua da Costeira. E' a caza que faz esquina na viella de S. Braz, e que desemboca no largo em frente do Caes.

E APROVEITAR

CASA LEÃO D'OURO

121, Rua Ferreira Borges, 127

COIMBRA

CAPAS E BATINAS DE PANO PRETO
A 9$000!!!

O proprietario d'esta bem conhecida casa incumbe-se de as mandar fazer por aquelle preço e d'ahi para cima, para o que recebeu um magnifico sortimento de panos pretos.

Continua a responsabilisar-se pelo seu bom acabamento.

CONTRA A TOSSE

Auctorisada pela Inspectoria Geral da Corte do Rio de Janeiro

XAROPE PEITORAL JAMES, unico legalmente auctorisado pelo Conselho de saude Publica, ensaiado e approvado nos hospitaes. Acha-se á venda em todas as pharmacias de Portugal e do estrangeiro. Deposito geral na Pharmacia Franco & Filhos, em Belem. Os frascos devem conter o retrato e firma do auctor, e o nome em pequenos circulos amarellos, marca que está depositada em conformidade da lei de 4 de junho de 1883.

Deposito em Aveiro—Pharmachia e Drogaria Medicinal de Ribeiro Junior.

EMPREZA INDUSTRIAL PORTUGUEZA

NUMERO TELEPHONICO 168

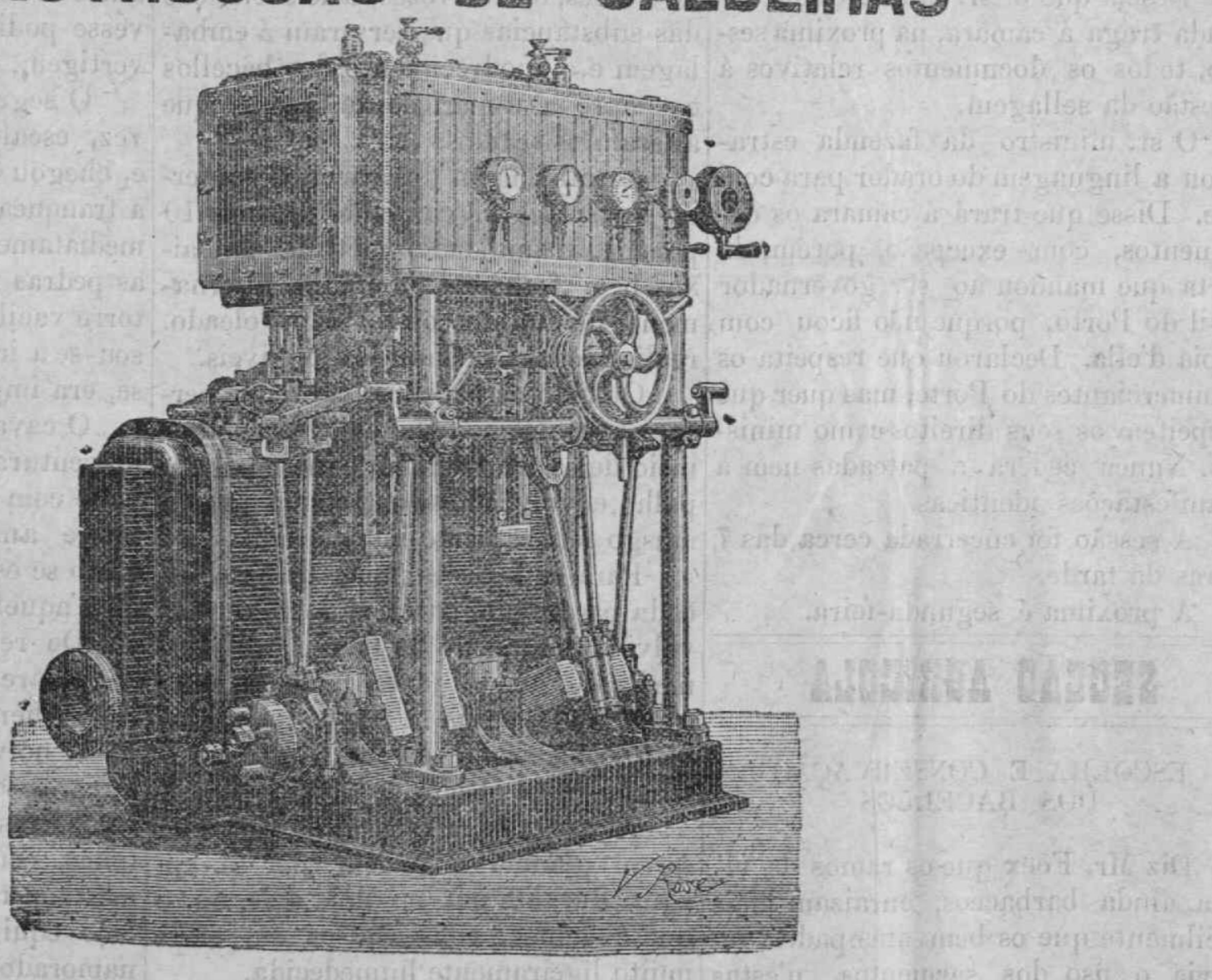
CONSTRUCÇÕES NAVAES COMPLETAS

CONSTRUCÇAO E ASSENTAMENTO DE PONTES METALLICAS PARA ESTRADAS E CAMINHOS DE FERRO

CONSTRUÇÃO DE CANNOS, COLUMNAS E VIGAS, POR PREÇOS LIMITADISSIMOS

CONSTRUCÇÃO DE COFRES Á PROVA DE FOGO

CONSTRUCCÃO DE CALDEIRAS



MACHINA a vapor da força de 30 cavallos, construida em 1883 nas officinas da Empreza Industrial Portugueza para o hiate dos pilotos da barra de Lisboa. *Viscondeda Práia Grande de Macau.*

A EMPREZA INDUSTRIAL PORTUGUEZA, actual proprietaria da officina de construcções metalicas em Santo Amaro, encarrega-se da fabricação, fundição, construcção e collocação, tanto em Lisboa e seus arredores, como nas provincias, ultramar ilhas ou no estrangeiro, de quaesquer obras de ferro ou madeira, para construcções civis, mechanicas ou maritimas.

Acceita portanto encommendas para o fornecimento de trabalhos em que predominem estes materiaes, taes como, *telhados, vigamentos, cupulas, escadas, varandas, macnas a vapor e suas calderas, depositos para agua, bombas, veios, rodas para transmissão, barcos movidos a vapor completos, estufas de ferro e vidro, construcção de cofres á prova de fogo,etc.*

Para a fundição de columnas e vigas tem estabelecido preços dos mais resumidos, tendo sempre em depositos grandes quantidades de cannos de todas as dimensões.

Para facilitar a entrega das pequenas encommendas de fundição tem a Empreza um deposito na rua de Vasco da Gama, 19 e 21, ao Aterro, onde se encontram amostras e padrões de grandes ornatos, e em geral o necessario para as construcções civis, e oendese tomam quaesquer encommendas de fundição.

Toda a correspondencia deve ser dirigida á Empreza Industrial Portugueza—Santo Amaro, LISBOA.

PAPIER WLINSI Remedio soberano paraa cura rapida d *affecções do peito, catarrhos, males da garganta, bronchites, resfriamentos, defluxo, rheumatismos, dores, etc.*; 20 annos de maior successo attestam a efficacia d'este excellente derivativo, recommendado pelos primeiros medicos de Paris.

Deposito das pharmacias.—Em todas; Pariz, rue de Seine, 31.

200,000 Doentes curados de **DEFLUXOS, TOSSE** INSOMNIA, CRISES NERVOSAS PELO **XAROPE do Dr FORGET** Em todas as Pharmacias do Universo. Exija-se o endereço ao lado

36 Rue Vivienne **CHABLE** PARIS

300,000 Doentes curados de GONORRHÉA, FLORES brancas, PERDAS SEMINAES, DEBILIDADE, ESGOTAMENTO, etc., etc. PELO **CITRATO DE FERRO CHABLE** Em todas as boas Pharmacias. Exija-se o endereço ao lado.

GRANDE BAIXA DE PREÇOS

A COMPANHIA FABRIL SINGER

Acaba de fazer uma grande baixa de preços nas suas tão populares e acreditadas

MACHINAS PARA COSER

DEVIDO AO GRANDE AUGMENTO DE FABRICAÇÃO QUE TEM TIDO

Além das 5 fabricas que já possuia, estabeleceu ultimamente uma grande fabrica em Kilbowie e que todas reunidas fabricam para cima de

TRINTA MIL MACHINAS SEMANAES

Peçam o novo catalogo que se ha publicado

CUIDADO COM AS IMITAÇÕES

75-Rua de José Estevão-79

AVEIRO

A PRESTAÇÕES

DE

500 RÉIS SEMANAES

A DINHEIRO COM GRANDE DESCONTO

Chamamos a attenção para a nossa machina de

LANÇADEIRA OSCILLANTE

A melhor que tem apparecido até hoje.
Não tem rival.
E' a rainha das machinas.

As machinas SINGER são as que tem obtido os primeiros premios em todas as exposições.

GARANTIA SOLIDA E POSITIVA

COMPANHIA FABRIL SINGER

75-Rua de José Estevão-79

AVEIRO

ASPHALTO

MANUEL FERREIRA DA SILVA

Rua Nova de S. Domingos 97

PORTO

TEM grande deposito d'este generos já preparado ou por preparar e tambem o manda applicar nas obras, nas provincias, por ter os melhores applicadores d'este genero. Trata-se no Porto, ou em Aveiro com o sr. José Monteiro Telles dos Santos.

BERNARDINO, FIHOS & RIBEIRO

NEGOCIANTES E IMPORTADORES DE MADEIRAS

Possuem o mais vasto sortimento d'este genero por preços sem competencia.

39 a 55, Rua Nova do Caes do Tojo, 39 a 55

POÇO DO BORRÁTEM, 15

DOENÇAS DO ESTOMAGO
PASTILHAS e PÓS PATERSON
(Bismuth e Magnesia)

Recommendadas contra as Doenças do Estomago, Acidez, Arrotos, Vomitos, Colicas, Falta de Apetite e Digestões difficeis; regularizam as Funcções do Estomago e dos Intestinos.

PASTILHAS: 600 Reis. — PÓS: 1,200 Reis.

Exigir em o rotulo o sello official do Governo francese e a firma J. FAYARD.

Adh. DETHAN, Pharmaceutico em PARIS

NUNCA APPLIQUE-SE UM VESICATORIO SEM SE TER O VESICATORIO DE ALBESPEYRES
O MAIS EFFICAZ E O MENOS DOLOROSO DE TODOS OS VESICATORIOS
FUMOUZE-ALBESPEYRES, 78, Faubg St Denis PARIS.
E AS PRINCIPAES PHARMACIAS EM QUE ACHA-SE EM **PEDAÇOS DE TODOS OS TAMANHOS.**
EXIJA-SE A ASSIGNATURA ALBESPEYRES NO LADO VERDE.

VINHO NUTRITIVO DE CARNE

Privilegiado, auctorisado pelo governo pela Inspectoria Geral da Corte do Rio de Janeiro e approvado pela junta consultiva de saude publica

E' o melhor tonico nutritivo que se conhece; é muito digestivo, fortificante e reconstituinte. Sob a sua influencia desenvolve-se rapidamente o apetite, enriquece-se o sangue, fortalecem-se os musculos, e voltam as forças.

Emprega-se com o mais feliz exito, nos estomagos ainda os mais debeis, para combater as digestões tardias e laboriosae, a dispepsia, cardialgia, gastro-dynia, gastralgia, anemia ou inacção dos orgãos, rachitismo, consumpção de carnes, affecções escrophulosas, e em geral na convalescença de todas as doenças, aonde é preciso levantar as forças.

Toma-se tres vezes ao dia, no acto da comida, ou em caldo, quando o doente não se possa alimentar.

Para as creanças ou pessoas muito debeis uma colher das de sopa de cada vez; e para os adultos, duas a tres colheres tambem de cada vez.

Um calix d'este vilho representa um bom bife.

Esta dóse com quaesquer bolachinhas é um excellente *lunche* para as pessoas fracas ou convalescentes; prepara o estomago para acceitar bem a alimentação do jantar, e concluindo elle, toma-se igual porção de *toast*, para facilitar completamente a digestão.

Para avitar a contrafacção, os envolucros das garrafas devem conter o retrato do autor e o nome em pequenos circulos amarellos, marca que está depositada em conformidade da lei de 4 de junho de 1883.

Acha-se á venda nas principaes pharmacias de Portugal e do estrangeiro. Deposito geral na Pharmacia Franco & Filhos em Belem.

Deposito em Aveiro—Pharmacia e Drogaria Medicinal de Ribeiro Junior.

PILULAS DE BLANCARD
DE
IODURETO de FERRO INALTERAVEL

NOVA-YORK — *Approvadas pela Academia de Medicina de Paris, Adoptadas pelo Formulario official francez, Autorisadas pelo Conselho medico de São-Petersburgo.* — PARIS

1853 — 1855

Estas pilulas, em que achão-se reunidas as propriedades do **Iodo** e do **Ferro**, convêm especialmente nas doenças tão variadas que são a consequencia do germe escrofuloso (*tumores, enfartes, humores frios, etc.*), doenças contra as quaes os simples ferruginosos são inefficazes; na **Chlorosis** (*pallidez das meninas não menstruadas*), a **Leucorrhea** (*fluores brancos ou fluxo alvo*), a **Amenorrhea** (*Menstruação nulla ou difficil*), a **Tisica**, a **Syphilis constitucional**, etc. Emfim, offerecem aos medicos um agente therapeutico dos mais energicos para estimular o organismo e modificar as constituições lymphaticas, fracas ou debilitadas.

N. B. — O iodureto de ferro impuro ou alterado é um medicamento infiel, irritante. Como prova da pureza e authenticidade das verdadeiras **Pilulas de Blancard**, exija-se o nosso sello de prata reactiva, o timbre da *Union des Fabricants* e a nossa assignatura aqui juncto.

Blancard

Pharmacº em Paris, rue Bonaparte, 40

DESCONFIE-SE DAS FALSIFICAÇÕES

LIVRARIA
DE
MELLO GUIMARÃES

AVEIRO

Almanach Illustrado do Occidente para 1889	200
Dito Illustrado por F. Pastor	200
Novo Almanach de Lembranças, Luso Brasileiro, para o anno de 1889:	
Cartonado	320
Brochado	240
Codigo Commercial, approvado por carta de lei de 28 de junho de 1888 e seu reportorio alphabetico, encadernado	360
Brochado	240
GUIOMAR TORRESÃO	
Almanach das Senhoras, para 1889	240
ALBERTO PIMENTEL	
Atravoz do passado	500

A FORMOSA CONSPIRADORA

Ultima producção de Pierre Zaccone, em cinco volumes, illustrados com 5 chromo-litographias e 21 gravuras.

Traducção de A. M. da Cunha e Sá.

10 reis cada folha, 10 reis cada chromo, 10 reis cada gravura. Lisboa e Porto, 60 reis por semana, pagos no acto da entrega. Provincias, 120 reis, de duas em duas semanas, pagos adiantadamente.

Assigna-se na casa editora David Corazzi, rua da Atalaya, 42, Lisboa.

GRAMMATICA INGLEZA

POR

JACOB BENSABAT

Para uso dos lyceus

No *Diario do Governo*, de 12 do corrente, vem uma rectificação á lista dos compendios approvados para os lyceus, pela qual se corrige o equivoco que se deu na publicação da referida lista em que fôra publicado o titulo de *Methodo grammatical*, por Bensabat, em vez do verdadeiro titulo do livro, que é *Grammatica ingleza, theorica e pratica*, por Jacob Bensabat.

Corrigido d'esta forma officialmente no *Diario* o equivoco, vê-se que a *Grammatica ingleza*, por Bensabat, um dos melhores trabalhos d'este auctor, faz parte dos livros approvados para o ensino do inglez nos lyceus.—Porto, 15 de novembro de 1888.

AO CLERO

J. J. DE MESQUITA PIMENTEL, correspondente em Portugal das principaes livrarias estrangeiras, acaba de receber os *Officios* e *Missas do SS. Rosario*, em todos os formatos e para todas as edições de *Missaes, Breviarios* e *Diurnos*.

Acaba de receber tambem um grande e variadissimo sortido de *Missaes, Breviarios, Diurnos, Rituaes*, etc., etc. Tudo novissimas edições e em todos os formatos, *Sacras, medalhas, contas, estampas*, etc.

P. S.—N'esta casa encontra-se sempre um sortido completo dos compendios adoptados nos differentes seminarios, lyceus, collegios, etc., do paiz.

Pedidos á Livraria Mesquita Pimentel—PORTO.

CARVALHO & PONS—EDITORES
Rua do Instituto Industrial, 23 a 21
LISBOA

A BIBLIA SAGRADA

Edição monumental esplendidamente adornada com primorosas illustrações, desenhadas por A. Greno, A. Ramalho, E. Condeixa, M. de Macedo, Marques de Oliveira, Moreira Rato, e Silva Porto; gravadas em madeira por A. Pedroso, C. Alberto, Heitor & Lallemant, J. Kijölner, e R. Feijóo.

Versão classica do Padre Antonio Pereira de Figueiredo, auctorisada pelo Eminentissimo Cardeal Patriarcha de Lisboa D. Guilherme, e confirmada pelo esclarecido voto do Eminentissimo Cardeal Patriarcha de Lisboa D. José III.

Escrupulosamente revista sobre o texto latino da vulgata por Xavier da Cunha, 2.º conservador da Bibliotheca Nacional de Lisboa.

EDIÇÃO PORTATIL
DO
CODIGO COMMERCIAL

Approvado por Carta de lei de 28 de junho de 1888—Sem repertorio alphabetico nem relatorio.

Preço, brochado, 100 reis; encadernado, 180 reis. Pelo correio franco de porte a quem enviar a sua importancia em estampilhas ou vales do correio á Livraria—Cruz Coutinho—Editora, Rua dos Caldeireiros 18 e 20—Porto.

COLLECÇÃO DOS ACCORDÃOS
DO
SUPREMO TRIBUNAL ADMINISTRATIVO

Proferidos sobre a materia contenciosa desdes a sua organisação (9 de julho de 1870) até 31 de dezembro de 1883, copiados na integra da Legislação Official e coordenados alphabeticamente

POR
Miguel da Costa Trindade
Amanuense do Governo Civil de Leiria

Estão publicados 3 volumes que conteem o Decreto de 9 de junho de 1870 pelo qual foi separado o Conselho d'Estado Politico do Conselho d'Estado Administrativo, ficando este a denominar-se Supremo Tribunal Administrativo; o relatorio apresentado pelos ministros e secretarios d'Estado que motivou aquelle Decreto; e todas as resoluções proferidas sobre;—Accordãos=Acções=Actas=Açudes=Aforamentos=Alcances=Alheação=Alfandegas=Alinhamentos=Arrematações=Arvores=Assembleias=Audiencias=Baldios=Boticarios=Brazões=Camaras Capellas=Carnes (fornecimentos)=Celleiros communs=Cemiterios=Companhias=Compascuo=Conflictos=Contas=Contractos—e Contribuição industrial.

A parte que respeita á contribuição industrial é sem duvida uma das, mais importantes d'esta collecção por que n'ella se acham resolvidas as muitas e differentes interpretações a que dão logar as leis e regulamentos respectivos, não só sobre o lançamento d'esta contribuição, como sobre a formação de matrizes, classificação das industrias, mudança de umas classes para outras, ommissão de inscripção, organisação e attribuições dos gremios, attribuições das camaras municipaes, juntas dos repartidores, escrivães de fazenda, tribunaes e funccionarios superiores; maneira de interpôr os recursos ordinarios e extraordinarios, informações colhidas, validade de attestados e declarações-provas, prasos, annullações e muitos outro, incidentes que se dão n'este ramo de serviço publico e que occasionam a infenidade de acclamações e recursos que constantemento sobem ás instancias superiores, interpostos por contribuintes ou pelos funccionarios que a isso são obrigados por lei.

Não obstante os accordãos se acharem coordenados alphabeticamente de fórma que de prompto se encontram todas as resoluções que tenham sido proferidas em recursos sobre certo e determinado assumpto, ainda cada volume é precedido de um desenvolvido indice alphabetico não só dos negocios de que trata cada uma das resoluções, tambem das doutrinas expendidas nos respectivos considerandos.

Preço dos 3 volumes 2$150 reis, franco de porte.

A' venda: na redacção do *Districto de Leiria*, Leiria; no Porto, Livraria Internacional de Ernesto Chardron; Lisboa, livraria do sr. Joaquim José Bordallo, travessa da Victoria; e em outras das principaes livrarias de Lisboa, Porto e Coimbra.

ESPECTACULOS

THEATRO AVEIRENSE

Domingo 27 de Janeiro

RECITA EM BENEFICIO

Subirá á scena pela segunda vez, a pedido, a comedia-drama em 1 prologo e 2 actos

A PROBIDADE

Finalisará o espectaculo com a chistosa comedia em 1 acto, ornada de musica

OS ESTROINAS

Principia ás 8 horas.

Os bilhetes acham-se á venda na nova Caza Havaneza, aos Balcões; e na loja de livreiro do sr. Adriano Costa, á rua Direita.

TYPOGRAPHIA AVEIRENSE
Largo da Vera-Cru
AVEIRO